

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

RAFAEL HENKE

**JUVENTUDES ESCOLARIZADAS DE IGREJINHA/RS:
ENTRE A ESCOLA E A CIDADE**

Porto Alegre
2024

RAFAEL HENKE

**JUVENTUDES ESCOLARIZADAS DE IGREJINHA/RS:
ENTRE A ESCOLA E A CIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Geografia no curso de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Henke, Rafael
JUVENTUDES ESCOLARIZADAS DE IGREJINHA/RS: ENTRE A
ESCOLA E A CIDADE / Rafael Henke. -- 2024.
90 f.
Orientador: Victor Hugo Nedel Oliveira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Geociências, Licenciatura em Geografia, Porto
Alegre, BR-RS, 2024.

1. Juventudes . 2. Jovens. 3. Escola. 4. Cidade. 5.
Igrejinha/RS. I. Oliveira, Victor Hugo Nedel, orient.
II. Título.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ivanir Ribeiro Henke e Mirgon Henke, por todos os ensinamentos, suporte e amor. Se cheguei até aqui, o mérito é compartilhado com vocês. Muito obrigado pelos incentivos a seguir estudando e por me sonharem graduado. Espero que tenham orgulho de mim do tanto que tenho de vocês.

À minha amada companheira, Bruna Camila Abreu Wilbert, pelo apoio nos momentos mais difíceis dessa caminhada. Por estar ao meu lado sempre que exausto, me desanimei. Por acreditar em mim e não me permitir parar. Por ter suportado meus surtos e chatices no processo. Obrigado por tudo isso e muito mais que faz por mim!

Ao meu orientador, Victor Hugo Nedel Oliveira, pela paciência, ensinamentos e empatia. Não poderia ter sido mais feliz na escolha que fiz. Obrigado por me acolher quando eu estava perdido e desesperado achando que não conseguiria.

Ao ensino público que me permitiu alcançar a graduação. Obrigado por firmarem no meu imaginário o poder da educação e a beleza da docência.

À direção da escola que permitiu que a pesquisa fosse realizada. Obrigado pelo acolhimento e prontidão!

Aos jovens participantes da pesquisa que toparam participar e foram imprescindíveis para a construção do estudo. Obrigado!

RESUMO

O município de Igrejinha localiza-se no interior do Rio Grande do Sul, a cerca de 90km da capital gaúcha. Fundado por influências de imigrantes e descendentes germânicos, desenvolveu-se principalmente baseado na indústria calçadista a partir da década de 1970. É neste cenário que se desenvolveu a presente pesquisa, tendo como participantes as juventudes escolarizadas do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual presente no município. O objetivo principal do trabalho foi analisar as relações existentes entre as juventudes escolarizadas de Igrejinha com a escola e cidade. O referencial teórico foi dividido em três momentos de discussão, sendo eles: I) Juventudes; II) Juventudes e educação; III) Juventudes e cidade. A realização do estudo baseou-se na aplicação de questionários, de forma presencial, junto aos jovens na escola pesquisada. Na garantia dos cuidados éticos, a partir da Resolução 510/2016 do CNS, a instituição e participantes não foram identificados, todos tendo assinado os termos e documentação pertinente. Com os resultados, pudemos conhecer as juventudes investigadas, trazendo suas visões sobre esse período da vida, o que as caracterizam como tal e o que significa ser jovem. As respostas produzidas corroboram com a ideia de que existem múltiplas juventudes, pois embora estejam na mesma faixa etária, as vivências e experiências são distintas. Ficou claro que gostam da escola, identificando-a como fase importante para os seus projetos de vida. Os dados também evidenciam a importância da escola para além do caráter educacional, colocando em ênfase o papel socializador da mesma. Os jovens disseram gostar de estudar na escola em que estudam, elencando uma série de aspectos como o acolhimento e o fato de ser um espaço agradável. Mesmo com os problemas de infraestrutura levantados por eles. Da mesma forma, tem identificação com a cidade que experienciam diariamente, afirmando ser uma boa cidade para se viver. Neste contexto, o bairro Centro aparece como um espaço de grande circulação por conta dos serviços oferecidos, apesar de pouquíssimos dos alunos pesquisados residirem no bairro. Quanto ao lazer, os espaços públicos são bastante procurados, especialmente praças e campos de futebol. Por fim, os jovens respondentes mostraram consciência dos pontos positivos e negativos sobre a cidade de Igrejinha, além de destacarem a ausência de shoppings e faculdades no município.

Palavras chave: Juventudes; Jovens; Escola; Cidade; Igrejinha/RS.

ABSTRACT

The municipality of Igrejinha is located in the interior of Rio Grande do Sul, approximately 90km from the capital of Rio Grande do Sul. Founded by the influences of Germanic immigrants and descendants, it developed mainly based on the footwear industry from the 1970s onwards. It is in this scenario that the present research was developed, with participants in the third year of high school at a state public school, present in the municipality. The main objective of the work was to analyze the relationships between the schooled youth of Igrejinha and the school and city. The theoretical framework was divided into three moments of discussion, namely: I) Youth; II) Youth and education; III) Youth and the city. The study was based on the application of questionnaires, in person, to young people at the researched school. To guarantee ethical care, based on CNS Resolution 510/2016, the institution and participants were not identified, all having signed the terms and relevant documentation. With the results, we were able to get to know the young people investigated, bringing their views on this period of life, what characterizes them as such and what it means to be young. The responses produced corroborate the idea that there are multiple youths, because although they are in the same age group, their experiences are different. It was clear that they like school, identifying it as an important phase for their life projects. The data also highlights the importance of school beyond its educational nature, emphasizing its socializing role. The students said they liked studying at the school they study at, listing a series of aspects such as the welcome and the fact that it is a pleasant space to be. Even with the infrastructure problems they raised. Likewise, they identify with the city they experience daily, claiming it to be a good city to live in. In this context, the Centro neighborhood appears as a space with great circulation due to the services offered, despite the fact that very few of the students surveyed live in the neighborhood. As for leisure, public spaces are very popular, especially squares and football fields. Finally, the young respondents showed awareness of the positive and negative points about the city of Igrejinha, in addition to highlighting the absence of shopping malls and colleges in the municipality.

Keywords: Youth; Young people; School; City; Igrejinha/RS.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1: Localização Igrejinha/RS.....	11
Quadro 1 - Correlação entre objetivos específicos, referencial teórico e partes do questionário.....	29
Mapa 2 - Distribuição por bairros das residências dos participantes.....	36
Figura 1 - O que é ser jovem?.....	39
Figura 2 - As 3 primeiras palavras sobre a escola.....	46
Figura 3 - Sala de aula.....	48
Figura 4 - Quadra	49
Figura 5 - Refeitório.....	50
Figura 6 - O que a escola/educação representa em sua vida?.....	50
Figura 7 - Praça Dona Luísa.....	57
Figura 8 - Praça Dona Helena Leão.....	58
Figura 9 - Bar do Waldir.....	59
Mapa 3 - Espaços de lazer preferidos.....	60
Figura 10 - Chegada da Carreata do Chopp em Igrejinha.....	64
Figura 11 - Parque Almiro Grings durante a festa.....	64
Figura 12 - Parque de diversão da festa.....	65

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - idade dos jovens.....	32
Gráfico 2 - gêneros dos sujeitos da pesquisa.....	33
Gráfico 3 - etnias dos participantes.....	34
Gráfico 4 - setores da economia referentes aos trabalhos dos participantes.....	37
Gráfico 5: Você se considera jovem?.....	41
Gráfico 6: Escala Likert - “jovens são imaturos e não estão preparados para as responsabilidades da vida adulta”.....	42
Gráfico 7: Relacionamentos.....	44
Gráfico 8: Espaços da escola que você mais frequenta.....	47
Gráfico 9: Você gosta de estudar na escola? Por quê?.....	51
Gráfico 10: A escola é.....	52
Gráfico 11: A escola não é.....	53
Gráfico 12: A escola tem.....	54
Gráfico 13: A escola não tem.....	54
Gráfico 14: 3 espaços que mais frequenta em Igrejinha.....	56
Gráfico 15: Escala Likert - “Igrejinha é uma cidade boa para se viver”.....	62
Gráfico 16: 3 palavras sobre a Oktoberfest.....	63
Gráfico 17: Igrejinha é.....	66
Gráfico 18: Igrejinha não é.....	66
Gráfico 19: Igrejinha tem.....	68
Gráfico 20: Igrejinha não tem.....	68

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1 JUVENTUDES.....	15
2.2 JUVENTUDES E EDUCAÇÃO.....	18
2.3 JUVENTUDES E CIDADE.....	22
3. METODOLOGIA.....	27
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	27
3.2 CENÁRIO DA PESQUISA.....	27
3.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....	28
3.4 COLETA DE DADOS.....	28
3.5 ANÁLISE DE DADOS.....	29
3.6 CUIDADOS ÉTICOS.....	30
4. RESULTADOS.....	32
4.1 QUEM SÃO OS JOVENS DA PESQUISA.....	32
4.2 JOVENS E JUVENTUDES.....	38
4.3 JOVENS E ESCOLA.....	45
4.4 JOVENS E CIDADE.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	74
ANEXO A - Questionário.....	82
ANEXO B - Termo de Anuência.....	85
ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA RESPONSÁVEL).....	86
ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA ESTUDANTE MAIOR DE 18 ANOS).....	88
ANEXO E - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA ESTUDANTE MENOR DE 18 ANOS).....	90

1. INTRODUÇÃO

As juventudes, que de acordo com o Estatuto da Juventude (Brasil, 2013) correspondem às pessoas entre 15 e 29 anos, são mais de 11,5% da população brasileira (IBGE, 2022). Embora seja intuitivo creditarmos uma imagem estereotipada da figura do jovem, o crescente número de pesquisas sobre a temática, mostra o quão plural são os sujeitos distribuídos nesta faixa etária. Assim, acredita-se não se tratar de juventude, mas de juventudes: múltiplas, plurais. Dessa forma, diversos fatores influenciam na construção identitária das juventudes como classe social, etnia, gênero, orientação sexual, entre muitos outros. Portanto, estudar/pesquisar juventudes enquanto professor da educação básica é primordial para buscar compreender quem são os estudantes com os quais professoras e professores se relacionam diariamente.

No presente trabalho buscamos analisar as juventudes igrejinenses sobre dois aspectos fundamentais: a escola e a cidade. A escola além do essencial caráter educacional, carrega importante papel socializador para estas juventudes. Neste sentido, os espaços de preferência dentro do ambiente escolar ultrapassam os limites sala de aula, mostrando a relevância das relações tecidas diariamente (Oliveira, 2015). Já a cidade é o espaço vivido diariamente de formas individuais por cada um dos jovens. De acordo com Oliveira (2020):

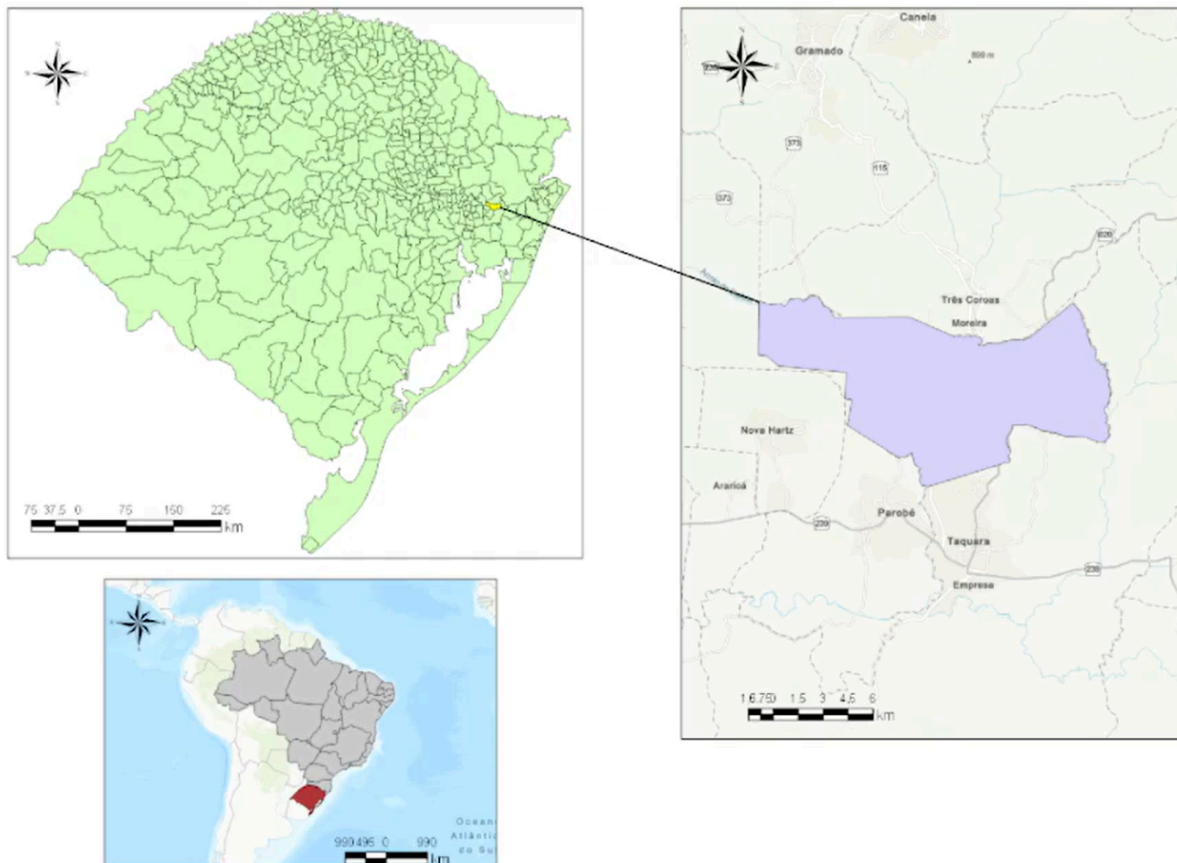
A cidade é um sistema vivo, pois, por este sistema, transitam pessoas, água, carros, ônibus, trens, dinheiro, energia, esgoto, etc. Para cada indivíduo, a cidade possui um significado: para uns, um espaço para morar e trabalhar; para outros, um espaço de turismo; para outros, ainda, um espaço para transitar; e, para alguns, um espaço simples e nada mais. São muitas as definições dos significados que a cidade imprime em cada sujeito. O fato é que as cidades são construídas a partir das ações que cada indivíduo nela realiza, seja pela moradia, seja pelo trabalho, ou pelo estudo, ou pelo trânsito (p.68).

Na medida em que tecem relações com ela e nela, os jovens produzem o espaço urbano na medida em que também são produzidos por ele. Pensando nisso, procuramos traçar relações entre as juventudes, sua escola e a cidade.

O município de Igrejinha, por sua vez, fica localizado na Região Metropolitana de Porto Alegre (cerca de 90 km), lotado no Vale do Paranhana. Desenvolveu-se juntamente com o crescimento do setor calçadista na região, criando amplo emprego e um aumento populacional urbano acelerado. Sua cultura carrega traços

germânicos por conta de sua origem, marcado pela Oktoberfest, festa mais famosa da cidade.

Mapa 1 - Localização Igrejinha/RS



Fonte: o autor, 2021.

Abro espaço para falar brevemente sobre quem escreve. Nasci e cresci no pequeno município de Igrejinha/RS. Desde criança fui introduzido na Geografia por meus pais, embora não de forma proposital. Quase que semanalmente íamos para algum local a passeio dos mais variados como morros nas estações frias e lagoas nas estações quentes. O conhecimento cartográfico que meu pai tinha construído empiricamente ao longo de sua vida sobre a região me fascinava. Falava sobre os municípios, distâncias entre eles, rotas para chegar. Inclusive sobre cidades maiores, como Novo Hamburgo e a própria capital gaúcha.

Sendo filho de trabalhadores da indústria calçadista sempre tive muito incentivo familiar para estudar. Ficava claro que não queriam eu e meu irmão no mesmo caminho profissional que eles devido a baixa remuneração, insalubridade e falta de perspectiva na carreira. Assim, o foco nos estudos garantiu notas boas e mais importante, permitiu sonhar sobre até onde o ensino poderia me levar.

Estudando em escolas públicas durante todo o processo, tive a pretensão de entrar no ensino superior. Muito por conta de meu irmão que tinha feito a mesma trilha, através do PROUNI¹.

Portanto, o ensino superior foi uma perspectiva real ao longo do fim do Ensino Fundamental e Médio. Porém, a UFRGS não era. A pretensão era baseada na entrada por meio de bolsa com os programas estatais relacionados ao ENEM. As faculdades públicas não estavam nesse horizonte, principalmente pela distância do meu município ou pela falta de informação. Tendo tirado uma nota considerável no ENEM e com incentivo dos meus pais, acabei me inscrevendo para uma vaga em Geografia na UFRGS, pelo SISU. Mesmo sem saber exatamente como seria e sem ideia da dimensão do que seria estudar na Universidade.

A escolha pela licenciatura veio antes da escolha pelo curso de Geografia. Durante o Ensino Médio decidi que queria ser professor. E essa escolha me parecia na época puramente racional: gostava da ideia da docência, gostava da ideia de todo dia trabalhar com algo diferente, gostava do tempo de férias que os professores tinham e achava a remuneração razoável. Hoje soma-se a isso tudo o papel social que vejo no professor. O poder que a educação pode ter na vida dos estudantes é a maior parte do que me mantém até o fim da graduação. Mas voltando à escolha pela Geografia, sempre gostei da área de humanidades e estava acreditando que iria para a História. Após visitar um curso de História de uma universidade próxima vi que não era para mim. Vim parar na Geografia, feliz pela escolha que tomei.

O caminho dentro da Universidade foi de altos e baixos, como em qualquer processo. O primeiro semestre, o qual morei em Porto Alegre, foi de encantamento com as geografias que me eram apresentadas a cada nova disciplina. Não tinha noção do quão rica era a Geografia antes do curso. Por outro lado, também foi um período de tentativas de adaptação à vida da cidade grande, distante da família. O que foi bem difícil. Com o início do segundo semestre fomos surpreendidos com a pandemia de COVID-19 que ali se iniciava, no início de 2020². Assim, permaneci por mais da metade da graduação no ensino remoto, de volta a Igrejinha. Nesta época,

¹ Programa Universidade para Todos criado pelo governo federal em 2004, durante o primeiro mandato do Presidente Lula. O Programa oferece “bolsas de estudo, integrais e parciais (50%), em instituições particulares de educação superior, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros sem diploma de nível superior” (Ministério da Educação, 2023).

² A COVID-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. Os primeiros casos foram diagnosticados na cidade de Wuhan, China, em dezembro de 2019. No Brasil teve efeitos devastadores, causados pela gravidade do vírus somada ao negacionismo do governo de Bolsonaro, presidente da época. O país chegou a marca dos 700.000 mortos dentro deste contexto.

participei de um edital do PIBID, infelizmente todo no formato remoto. Com certeza o Programa agregou na minha visão de docência e em recursos práticos, como organização do tempo em aula e elaboração de planos de aula.

Após, fui monitor da disciplina de Geografias Descoloniais e em seguida de Geografia da América Latina. Tempo no qual me aproximei muito de assuntos e visões descoloniais e foi de grande aprendizado. Com a volta do ensino presencial, no meu sexto semestre do curso, resolvi não voltar a morar em Porto Alegre, iniciando um processo de idas e vindas de moto nas noites de aula. Concomitantemente, voltei a trabalhar com minha mãe que costura em casa, preparando calçado para costurar. Função que já exercia antes de ingressar na Universidade, trabalhando com isso desde os anos finais do Ensino Fundamental para ser exato. Continuo trabalhando na indústria calçadista, ansioso pelo momento de entrar em sala de aula definitivamente.

Pesquisar sobre as juventudes igrejinenses escolarizadas é de certa forma voltar às minhas experiências enquanto estudante de Ensino Médio. Identificar pontos de semelhanças e diferenças entre mim e os alunos pesquisados. Mais que isso, poder desenvolver o estudo dentro da escola que estudei e dentro do município que vivo me traz sentimento de pertencimento e ressignificação. Remete a um velho jovem eu, a minha família, as minhas experiências que teci com a escola e construo diariamente com a cidade. Além de enxergar como um modo de devolução, de agradecimento à onde vim.

Por outro lado, são poucos os estudos sobre juventudes no interior do Rio Grande do Sul (Oliveira, 2021; Oliveira, 2023). Trazer estas juventudes igrejinenses é contribuir, mesmo que de forma pequena, para preencher a lacuna. Contribuindo para enriquecimento das pesquisas de Geografia voltadas às juventudes. Ademais, abre a possibilidade de o presente estudo ser usado pelos docentes do município para conhecerem melhor as juventudes que trabalham diariamente para então traçar estratégias pedagógicas apropriadas, incluo-me neste grupo.

Desenvolvemos a pesquisa em torno de questionar e (tentar) responder **“Quais são as relação das juventudes escolarizadas de Igrejinha/RS com sua escola e suas cidade?”**. Assim, o objetivo do estudo é analisar as relações dos jovens igrejinenses escolarizados com sua escola e cidade, por meio de uma metodologia quantitativa baseada na aplicação de questionário. Partindo deste

princípio estabelecemos três objetivos específicos que vão de encontro aos eixos definidos para a pesquisa:

- 1) Entender quem são os jovens escolarizados participantes da pesquisa;
- 2) Identificar as relações desses jovens com a escola em que estudam;
- 3) Analisar as relações desses jovens com a cidade de Igrejinha.

A estrutura do texto está dividida em referencial teórico, metodologia e resultados. Sendo este último dividido em quatro partes: caracterização da amostra, jovens e juventudes, jovens e escola, jovens e cidade. Cada um dos tópicos aborda a temática através de discussões com as respostas obtidas dos participantes.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 JUVENTUDES

A busca por postergar a juventude, ou pelo menos a estética a ela associada, é evidenciada por produtos milagrosos e procedimentos cirúrgicos que nos são anunciados frequentemente. De outro lado temos a juventude relacionada a um estado de espírito ou ao jeito de ser, indiferente a presença das marcas de envelhecimento do corpo. Por ambos os caminhos, a juventude é almejada, desejada. “Todo mundo quer ser jovem, toda a ideia de juvenilização está em jogo, todas as questões da indústria estética fazem com que todo mundo queira ser jovem” (Novaes *et al.*, 2021, p.5). Afinal, o que é ser jovem? Segundo o Estatuto da Juventude, os jovens são pessoas entre quinze e vinte e nove anos de idade (Brasil, 2013).

Embora o recorte etário seja o que define primariamente a juventude, está longe de estabelecer uma unidade homogênea. Dois jovens de mesma idade, porém de classes sociais diferentes terão vivências e percepções muito distintas sobre o mundo. O mesmo vale para todos os possíveis recortes que diferenciam tanto os jovens brasileiros um dos outros, como etnia, gênero, orientação sexual, entre outros. Nas palavras de Rollsing (2023),

“[...] podemos pensar que o espaço não é vivido e percebido de uma forma homogênea entre os jovens. São experiências totalmente diferentes ser jovem branco e ser jovem negro, ser jovem mulher e ser jovem homem, ser um jovem que reside em um bairro com estrutura e próximo ao centro e ser um jovem que vivencia o cotidiano na periferia de sua cidade” (p.31).

Sendo assim, é preciso pensar a juventude sob uma ótica mais ampla que permita visualizar suas diferenças, individualidades e as consequências advindas disso. A juventude é dotada de opiniões, pensamentos, posicionamentos que são evidenciados nas diversas manifestações culturais que buscam dar visibilidade às suas identidades e reivindicações. Carles Feixa nas suas pesquisas encontrou “nos jovens uma multicriatividade na música e através de outras produções culturais, como o desenho, o grafite, a arte, o cinema e a cibercultura” (Feixa *et al.*, 2018, p. 319). Por mais deslegitimados³ que sejam, estão à frente da criação de novas tecnologias, novas formas de se relacionarem, levantando bandeiras de suma

³ Considerados imaturos ou irresponsáveis demais para serem ouvidos pela sociedade fundamentada no olhar adultocêntrico.

importância como os direitos LGBTQIAPN+⁴ e a proteção ao meio ambiente, tema ao qual as juventudes são bastante atreladas no âmbito científico, processo explorado por Petró (2023). Assim, as juventudes estão na vanguarda de pautas progressivas na busca de uma sociedade mais respeitosa e igualitária.

Os jovens acabam sendo vistos socialmente como um ser inacabado. Velhos o suficiente para carregarem mais responsabilidades que uma criança e novos demais para serem considerados seres conscientes e críticos, capazes de tomarem decisões importantes. Criou-se o estereótipo da juventude mergulhada no ócio profundo, despreocupada e da qual nada de bom viria a menos que fosse tutelada por adultos responsáveis por mostrar-lhes o caminho da vida em sociedade.

“As juventudes são apontadas em nossa sociedade como expressões da inexperiência, falta de racionalidade pelo excesso de hormônios e emoções, por isso carecem de atenção e rigidez para que o bom andamento do desenvolvimento da pessoa jovem seja garantido, de maneira a evitar desvios ligados a rebeldia, boêmia, transgressão ou anseio de extravagância” (Verneque, 2023, p. 88).

Todavia essa imagem construída se mostra falha perante a realidade brasileira. Concretamente, o que existe é uma grande parcela de jovens filhos da classe trabalhadora incubidos de equilibrar trabalho, estudo, afazeres do lar, tempo de lazer e socialização. Forçados a encarar um mercado de trabalho cada vez mais precarizado marcado pela perda de direitos. O que ficou ainda mais evidente pelo contexto pandêmico que vivemos, como aponta Corrochano (2023):

Assim, ao lado do crescente desemprego, da informalidade e do desalento, é preciso considerar a piora das condições de trabalho dos e das jovens. Muitos estiveram mais expostos à contaminação pelo novo coronavírus em função de suas condições de trabalho, sobretudo os pobres e negros, trabalhando em setores de risco, como mostra a emblemática situação dos entregadores por aplicativos, em especial os bikeboys, enfrentando grandes deslocamentos diários, considerando as distâncias entre seus empregos e suas residências e assumindo o apoio e o cuidado de pessoas adultas e idosas. (p. 53)

Grandes empresas deixam de oferecer vínculos empregatícios formais e dignos, para ofertar o ideal do jovem empreendedor de si mesmo junto ao mito da meritocracia. Como fruto deste cenário, vemos jovens exercendo funções remuneradas em jornadas extenuantes e à margem dos direitos advindos da Carteira de Trabalho⁵. Com o agravamento consecutivo das desigualdades no país,

⁴ Esta sigla, em 2024, representa a diversidade das comunidades: lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, transexuais, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binárias.

⁵ Fato fundamental neste processo de precarização advém da Reforma Trabalhista exposta pela Lei Nº 13.467, aprovada pelo Governo Temer em 2017. Como pontos principais da Reforma estão o enfraquecimento do poder sindical, representantes da classe trabalhadora; retirada de direitos, como

grande parte da população jovem se vê sem acesso (ou sem perspectivas de acesso) a bens e direitos considerados básicos: moradia, saneamento básico, educação pública de qualidade, trabalho formal, segurança pública. Sem possibilidades palpáveis no horizonte e com a falta de oportunidades, cria-se a falta de perspectiva de planos a longo prazo. Sendo assim,

“O futuro já não se planeja a longo prazo, as decisões adoptam-se e adaptam-se em funções de circunstâncias mutáveis. Já não se anda atrás de futuro, corre-se atrás de pokémons. São mais fáceis de agarrar do que o futuro. [...] A presentificação pode ser um tempo de conquista quando se exploram brechas no futuro indeterminado” (Pais *et al.*, 2017, p.306).

Em consonância, a juventude acaba por se tornar o público mais suscetível às violências cotidianas, justamente por ser a parcela da população que mais se expõe. Saem para estudar, trabalhar, socializar em um momento no qual estão se (re)conhecendo, experimentando e afirmando suas identidades (Novaes *et al.*, 2021, p.13). É a parcela da população mais vítima de homicídios (Ipea, 2019) e com a maior população carcerária, mais de 40% (Senappen, 2023). Por outro lado, mesmo que veladas, as violências simbólicas muito contribuem também para a opressão do jovem na sociedade atual.

A violência física é marcada por símbolos de força, de dominação. Mas quando tratamos de violência simbólica, são processos que não têm tanta visibilidade material, mas que existem continuamente. Essas violências simbólicas estão muito ligadas à forma da sociedade ver, criar, se ver, olhar e hierarquizar os seus grupos. Valorizar ou desvalorizar os grupos sociais que compõem a sociedade. Elas estão ligadas geralmente à idade, que tem muita violência simbólica e é feita entre adultos e jovens. Só porque ele é jovem ele não pode falar? Ele não pode por quê? Porque ele é jovem, e ser jovem é ser suspeito (Novaes *et al.*, 2021, p.11).

Assim sendo, o jovem fica aquém, jogado para escanteio nas conversas e decisões, sem amparo público capaz de garantir-lhe seus direitos. Da mesma forma que acaba por não ocupar as posições de poder capazes de mudar tal situação, sendo que quando o faz, deixa de lado os interesses juvenis. Em uma contradição muito bem construída, a juventude é idealizada, prestigiada, está à frente das inovações tecnológicas e transformações econômicas, enquanto paralelamente é marginalizada do poder econômico, político e violentada diariamente (Feixa *et al.*, 2018, p. 313).

o pagamento de horas extras que agora pode ser substituído por banco de horas; aumento do trabalho informal pela maior “flexibilização” cedida para os empregadores através da diminuição das responsabilidades.

2.2 JUVENTUDES E EDUCAÇÃO

Antes de estabelecer relações entre os jovens e a escola, é preciso situar ambos separadamente. A criação social da categoria juventude é relativamente recente, as temáticas relacionadas ao seu estudo aparecem com mais ênfase ao longo do século XX. Embora relacionada ao recorte etário, de 15 aos 29 anos, a juventude é heterogênea apresentando diversidade social, econômica, cultural, étnica, entre outros aspectos que tornam impossível o enquadramento dentro de uma única juventude. Como coloca Cavalcanti (2023),

Assim, ao tomar juventude como categoria de análise, adota-se o princípio de que se trata de juventudes, no plural. Não se pode falar em juventude, no singular, como uma etapa de transição para a vida adulta. Algo abstrato e difuso, nem se pode ficar preso à faixa etária. Embora seja possível fazer recortes de idade, não é este o critério que prevalece. O que define as juventudes, articulando a um período etário, é a fase da vida de construção de autonomia, de processo de identificação pessoal e de grupo, de pertencimento social (p.156).

Tratar as juventudes de forma genérica e estereotipada torna inviável entender a complexidade que carregam. São múltiplas as dinâmicas e influências capazes de moldar as personalidades e responsáveis por construir as identidades destes sujeitos. O que não quer dizer que estejam em construção, inacabados, que virão a ser: são no presente, produzem suas vivências, experiências no presente, posicionam-se no presente. São sujeitos ativos com direitos estabelecidos e demandas primordiais tal qual acesso ao mercado de trabalho formal, acesso à educação e a participação na vida política do país (Cavalcanti, 2023, p.159).

A escola, por sua vez, vem passando por transformações significativas nas últimas décadas. Nunca antes o acesso à educação foi tão democratizado para toda a população como um todo⁶. Com a entrada das classes populares nas escolas públicas, vieram também todas as suas contextualidades até então deixadas para fora dos muros escolares. Quando estudar deixa de ser privilégio das classes médias e altas e passa a ser obrigatoriedade para todas as crianças e jovens até 17 anos, o ensino público se viu tendo que lidar com questões para as quais a simples execução do currículo não era capaz de sanar. Progressivamente o ensino básico público foi perdendo investimento e qualidade, tornando-se palco de estudo da

⁶ A democratização da educação “tem sido identificada com o acesso universal e gratuito em todos os níveis educativos (desde o pré-escolar até a educação superior)” (Lemus, 2010, p.1). Processo que ganhou força nos anos 90 do século passado e ocasionou a gradativa entrada das classes populares à escola pública.

população pobre do Brasil. Em contrapartida, as escolas privadas abocanharam o público de maior poder aquisitivo com a promessa de ofertar o que as instituições públicas não mais conseguiam. A escola pública vista como espaço de educação de excelência anteriormente se vê sendo consecutivamente sucateada nas próximas décadas. O que acaba por manter o abismo que separa o aluno rico do aluno pobre visto que os estudantes de escolas particulares mantêm um nível de ensino igual ou melhor do que recebiam.

O Ensino Médio - fase final da educação básica obrigatória na qual a maior parte do público jovem escolarizado se encontra - era antes uma exclusividade das classes mais abastadas. Entretanto,

o próprio sentido do ensino médio veio se transformando. Antes, significava o caminho natural para quem pretendia continuar os estudos universitários. Agora, principalmente com a sua incorporação à faixa de obrigatoriedade do ensino, tornou-se também a última etapa da escolaridade obrigatória e, para a grande maioria dos jovens, o final do percurso da escolarização. Esse contexto vem gerando o debate entre o caráter propedêutico ou profissionalizante a ser tomado por esse nível de ensino (Dayrell, 2007, p.1116).

Com a massificação do acesso à educação, as instituições de ensino se viram invadidas pela cultura juvenil com todas as suas expressões e experiências de vida. A separação entre a vida escolar e o restante, a lógica moderna industrial de compartimentalização da vida de acordo com o ambiente, deixa de ter eficácia. Pois esperava-se que “quando o jovem adentrava naquele espaço, deixava sua realidade nos seus portões, convertendo-se em aluno, devendo interiorizar uma disciplina escolar e investir em uma aprendizagem de conhecimentos” (Dayrell, 2007, p.1119).

A escola vem enfrentando dificuldades em lidar com as novas mudanças em relação ao papel do aluno e conseqüente novo papel da escola. As juventudes que sentam nos bancos escolares precisam ser vistas, ouvidas, entendidas, necessitam ser vistas como sujeitos complexos, porque estão longe de serem “tábulas rasas”. Por que vão à escola? O que esperam da escola?. O papel cristalizado da escola/professor como único detentor de conhecimento cai por terra com todas as revoluções tecnológicas das últimas duas décadas.

Atualmente, pensar a escola, enquanto instituição, tendo em vista sua função social, requer considerar, entre outras questões, a fluidez e a velocidade das transformações sociais, bem como suas respectivas implicações sobre a forma como os sujeitos aprendem os diferentes conteúdos e interação entre si. [...] Sendo assim, um grande desafio que se apresenta aos profissionais da educação, de maneira geral, e ao professor, em especial, não é, necessariamente, indicar aos seus alunos onde buscar informações, mas orientá-los sobre como selecionar e filtrar essas informações. [...] Nessa perspectiva, a dinâmica em sala de aula desloca seu foco da transmissão do conteúdo para a redescoberta do conhecimento (Ladeira, 2021, p.8).

Da mesma forma, a escola segue sendo o principal espaço de socialização das juventudes, mas não o único, uma vez que os novos jovens alunos são incumbidos de responsabilidades diversas e têm outros espaços de socialização. Ainda assim, as juventudes que frequentam diariamente (ou quase) a escola esperam algo dela. Seja socializando e desenvolvendo o sentimento de pertencimento com pares de afinidades semelhantes, seja a perspectiva de futuro de uma vida melhor através do diploma de conclusão. Neste último, o mundo do trabalho tem impacto relevante. A precarização do trabalho afeta principalmente os mais jovens e pobres, obrigados a jornadas extenuantes de trabalho sem nenhum tipo de proteção social. Rollsing (2023) exemplifica a situação ao falar de jovens entregando comida por aplicativo de bicicleta, baseada em um trabalho de campo:

Nas observações, foi possível perceber que esses trabalhadores em sua maioria eram homens, jovens e negros, que na escassez de trabalhos que os protejam, têm seus direitos violados todos os dias ao saírem de casa com sua bicicleta - muitas vezes alugada - e experimentarem jornadas extenuantes de trabalho, onde o combustível para tal são seus próprios corpos. Isso significa que eles necessitam comer em maiores quantidades, e em uma realidade de absurdo aumento do preço dos alimentos, esses sujeitos atuam na contradição de entregarem para outras pessoas o que muitas vezes falta em sua casa de forma digna (p.32).

Impossível não levar tais fatores em consideração quando se busca formar cidadãos críticos e conscientes de seu lugar no mundo. Por isso, entender quem é o jovem/aluno é papel fundamental e “pode contribuir para melhor relação professor/aluno, maior envolvimento dos alunos e com isso melhor resultado do ponto de vista da sua aprendizagem” (Cavalcanti, 2023, p. 162). As vivências fora dos muros escolares devem ser trazidas para dentro sala de aula, é uma forma de mostrar para o aluno a importância dos conhecimentos produzidos. A simples reprodução de conteúdos sem ligação com a realidade cotidiana, abre espaço para questionamentos válidos como “por quê tenho que aprender isso?”.

A realidade é que as juventudes gostam da escola, porém gostam apesar da sala de aula. O ensino dentro da sala acaba ficando em segundo plano quando outras atividades desenvolvidas dentro dos muros escolares acabam sendo mais interessantes para eles(as). “O jovem gosta de estar na escola, gosta dos corredores, gosta da cantina escolar, gosta dos amigos. Mas, para estar neste espaço, do qual tanto gosta, ele acaba pagando um preço [...] a sala de aula” (Oliveira, 2020, p.67). Buscar construir experiências significativas com amparo nas vivências dos alunos pode ser um modo de construir conhecimentos úteis fora do espaço escolar, agregando valor às horas investidas em aula. Sendo assim, “há a necessidade de um tratamento para juventude, uma pedagogia para juventude, uma forma de lidar com a juventude que nunca foi tratada” (Novaes et al., 2021, p.5). Mais do que elencar conteúdos, a escola tem papel fundamental de ensinar novas formas de pensar por meio de suas disciplinas.

No caso da Geografia, há muito espaço para abordagens dos conceitos geográficos utilizando-se do que é trazido pelas juventudes. Ademais, possibilita ressignificar o que os jovens alunos já tinham construído previamente em suas andanças diárias, trazendo o olhar geográfico.

Pensar com a Geografia, ou pela Geografia, supõe a internalização de seus conceitos estruturantes (como paisagem, lugar, território), e de seus princípios (como a localização, a comparação, a conexão, a escolaridade), de suas linguagens (a cartografia, texto, as imagens). Essa internalização é uma reelaboração ativa dos conhecimentos produzidos por essa ciência. Ensinar significa propiciar modos de os jovens internalizarem conhecimentos que lhes permitam pensarem geograficamente sua vida e seu projeto de vida articulados a projetos de sociedade (Cavalcanti, 2023, p.172)

No contexto de renovação da importância do papel da escola na vida das juventudes, a Geografia pode contribuir ao propiciar uma instrumentalização para a cidadania e uma nova forma de ver o mundo. De tal modo que seja capaz de permitir às juventudes escolarizadas maior participação e consciência crítica sobre as realidades vividas, buscando exercer a cidadania ao máximo.

2.3 JUVENTUDES E CIDADES

As juventudes circulam diariamente na cidade em que vivem. Não em sua totalidade, mas através das ruas do próprio bairro, do bairro vizinho ou as do outro lado da cidade. As motivações para tal circulação envolvem múltiplos fatores como estudar, trabalhar e consumir. A socialização adquire papel importante na movimentação pelo meio urbano das juventudes: além dos contatos em espaços formais como escola e trabalho, as formas de lazer estão associadas em grande parte à encontros com pares. Devido a isto, as vivências no espaço urbano carregam significações diferentes de acordo com o momento, podendo ser espaços de descoberta, transgressões ou de condicionamento (Gamalho, 2023, p.39).

É na cidade que ocorrem as relações sociais cotidianas, as quais são influentes na formação das personalidades e identidades dos jovens. O lugar de onde vêm e que frequentam são capazes de condicionar, enraizar certos comportamentos e pensamentos sobre si e, conseqüentemente, sobre o meio em que vivem.

Isso implica dizer que as juventudes também se forjam nas experiências espaciais que os jovens têm com e na cidade. Tais experiências se constituem como práticas espaciais que os colocam em relação direta com a cidade e que vão operando, desenhando, modelando, condicionando, limitando e potencializando os modos pelos quais vivem suas experiências de juventudes (Cassab, 2023, p. 77).

As juventudes são parte do espaço, participando ativamente da organização e reorganização das cidades. Assim como são moldadas, moldam o espaço urbano. Entretanto, nem todos os locais são de livre acesso. Pelo contrário, existem rígidos mecanismos de controle social ditando o que pode ser acessado e por quem. Nesse processo, sujeitos com determinadas características são marginalizados expondo os preconceitos existentes na sociedade. Os jovens acabam sendo ainda mais marginalizados por serem vistos como sujeitos carentes de tutela e inconseqüentes, necessitando constante vigilância. Como aponta Cassab (2023),

Entendidos como um não-ser, como incompletos, incapazes, propensos à violência, à rebeldia, ao questionamento e à desordem, serão os jovens fortemente vigiados, controlados e subsumidos nos lugares da cidade. Também é nela que se processam os mecanismos de controle e vigilância dos corpos jovens, em especial aqueles atravessados pelos marcadores de desigualdade social como cor, sexualidade, classe e outros (p. 87).

Portanto, a cidade embora possa transmitir sensação de liberdade, acaba sendo contraditória ao oferecer também um espaço dividido e fragmentado no qual

se mantém privilégios e desigualdades. Por outro lado, a cidade é envolta em certo apelo para os jovens. São nos núcleos urbanos que se aglomeram os diversos setores, serviços, demandas, desigualdades, violências e moradias. Apresentam-se como territórios modernos, onde a vida acontece, onde é preciso estar (Verneque, 2023, p.89). As cidades, em especial as de grande porte, constituem no imaginário juvenil a terra de oportunidades evidenciada pela presença de universidades renomadas e a promessa de empregos (ou de empregos melhores e mais bem remunerados).

A forma como vivem a cidade, como se deslocam, os lugares, caminhos que fazem diariamente, onde vão para se divertir são responsáveis pela visão única que cada um terá sobre a mesma. A cidade se coloca como palco para as ações dos jovens, influenciando e sendo influenciados, produzindo e sendo produzidos pelo espaço urbano (Cavalcanti, 2013, p. 80). Ao se depararem com espaços de segregação, com a falta de acesso, surgem movimentos de resistência, luta e (re)territorialização de espaços que até então não os pertenciam. Mendes e Costa (2023) exemplificam esta questão:

As juventudes enquanto grupos sociais ressignificam esses espaços, reproduzindo usos contra hegemônicos, em ocupações como as realizadas por pichadores, skatistas e pelo RAP - entre outras ocupações - reproduzindo multiterritorialidade de resistência dentro do urbano (p.189).

Cerceados pela falta de opções de lazer, os jovens pobres e periféricos reinventam maneiras de apropriar-se do espaço público a eles negado. Neste processo “desvirtuam” o propósito original do território que dentro do sistema capitalista obedece a ordem de produção e circulação de produtos, tendo todos os aparatos financeiros e estatais voltados à produção econômica (Mendes; Costa, 2023, p. 187). Desse modo, a população juvenil que carece de condições para fazer parte da sociedade do consumo, propaganda e ostentação marcada nas redes sociais, têm de obter outros meios para se divertir, aquém do Estado.

No caso específico das juventudes periféricas foram construídos estigmas relacionando-as à violência, desemprego e evasão escolar, tais representações impactam as formas de experienciar a juventude destes sujeitos (Gamalho, 2023, p.43). Quais as consequências de carregar preconceitos relacionados ao lugar de onde veio com essa idade, em pleno processo de formação? De que forma influencia na relação destes jovens com outros espaços da cidade? Os preconceitos sobre o lugar recaem sobre os moradores, formando a imagem do “favelado” e

outras depreciações. Além disso, estes jovens são constantemente associados a atividades criminosas, levando a uma forte (e descabida) repressão policial.

Com a negação do direito à cidade, as juventudes localizadas nas periferias das cidades lutam para fazer parte da mesma, deslocando-se diariamente de suas moradias para o centro econômico, político e social para posteriormente voltar aos seus bairros marcados pela privação de serviços (Lefevbre, 2011, p.118). Neste contexto, surgem manifestações culturais diversas de apropriação do território como forma de lazer e expressão da subjetividade. A exemplo das batalhas de rima, constituídas pela disputada entre dois Mcs que em um sistema de ataque e defesa buscam rimar melhor que o adversário, inspirada pela cultura do HipHop e presente em vários estados brasileiros (Salvi, 2023, p.65); a Batalha do Passinho que surgiu no Rio de Janeiro, marcado por ser uma nova forma de dançar o funk, é “uma mistura do próprio funk com frevo, samba e hip hop, o gênero tem conquistado cada vez mais adeptos” (Maia, 2014, p.11) e o movimento dos “Rolezinhos” que consistia na apropriação de um espaço elitizado pelas juventudes periféricas da cidade causando conflitos e estranhamentos.

Com o passar do tempo, os rolés conquistaram o gosto da garotada e a adesão de mais pessoas. Tomaram corpo, chegaram a reunir milhares de jovens e viraram assunto nacional. A título de exemplo, no dia 7 de dezembro de 2013, cerca de seis mil jovens compareceram ao estacionamento do Shopping Metrô Itaquera, na zona leste de São Paulo. A multidão deixou comerciantes, frequentadores, polícia militar e segurança privada confusos. Afinal, o que eram aqueles meninos e meninas da periferia, de visual e comportamento extravagante (negros em sua maioria), frequentando aquele local? Do inesperado, surgiu a tensão e o enfrentamento. Um enquadramento era preciso ser dado naquele momento. O evento foi associado aos arrastões, à violência, a algo perigoso e a ser temido. A resposta veio por meio da repressão policial e da proibição jurídica de novos encontros (França; Dornelas, 2014, p. 3).

Estabelecendo outros recortes além de classe social e condição financeira, encontramos limitações semelhantes ao falar sobre questões étnicas, de gênero, e de orientação sexual. As juventudes negras carregam sobre si o estigma do racismo histórico enraizado no nosso país, estando presente nas relações e hierarquias sociais vivenciadas diretamente. Incorporado na cultura da sociedade brasileira, o racismo “não é considerado uma patologia – algo anormal – por justamente estar normalizado, ou mesmo naturalizado, nas relações sociais, de maneira que sua presença não é contestada e percebida, mas simplesmente aceita e reproduzida” (Santos, p.31, 2023). Se as juventudes já são taxadas como insensatas, voláteis e imaturas, no caso dos jovens negros outras vinculações são somadas a estas, tais

quais a criminalidade e a drogadição. Como consequência há uma necropolítica de extermínio destas juventudes negras com aparato e aval do próprio Estado. Jovens que

se encuentran conformados por precarización económica, malos empleos, informalidad, pobreza, desigualdad social, imposibilidad de comprar una vivienda, obliteración de los canales de movilidad social, exclusión de los parámetros de consumo publicitados e inaccesibilidad a la mayoría de los productos, limitaciones, restricciones y condiciones que afectan de manera especial a los jóvenes (Valenzuela, p. 58, 2019).

Entretanto, a letalidade é o ponto final de um processo sutil repleto de múltiplas violência, pois “a violência letal a qual os jovens são submetidos é reflexo do racismo. No entanto, antes de atingir a população negra com a morte, o racismo se revela através da desigualdade social” (Ferreira, 2023, p. 148).

Tais violências moldam a forma como estes sujeitos jovens atuam sobre e na cidade. Regem suas relações com seus lugares e o restante do espaço urbano. De forma diferente, mas também relevante, os jovens LGBTQIAPN+ lidam ao longo de suas trajetórias com imposições sobre como devem agir e se portar de acordo com regras sociais baseadas na heteronormatividade. Por meio de instituições como a escola e a família, a sociedade e o Estado tendem a estabelecer mecanismos que buscam padronizar os sujeitos para dentro do espectro por eles considerado “normal”. Martins e Sales (2023) evidenciam esse processo como heteroterrorismo:

É importante entender que o heteroterrorismo cerceia a liberdade de existir de Jovens Gays com discursos e tecnologias reguladoras, através da heteronormatividade que investe no enquadramento ou extermínio das vidas Juvenis Gays que discordam do modelo heteroterrorista. Neste sentido, a desigualdade e a exclusão se impõe e se intensificam por meio de práticas que negam a liberdade das juventudes em questão, por quererem habitar outros territórios que rompem com os modelos instituídos, reduzindo-os a condição de vulnerabilidade, que é enfiada goela abaixo (p.112).

A cidade reproduz a dinâmica de exclusão destas juventudes, pois é regida pela heteronormatividade, especialmente - porém, não somente - em espaços públicos. É o caso das fortes represálias que casais homoafetivos estão sujeitos ainda hoje ao demonstrarem gestos de carinho em praças, mercados, e até mesmo na própria escola. Entretanto, a cidade também é capaz de acolher através de territórios onde aquelas juventudes podem ser elas mesmas. Assim, criam-se refúgios que oferecem certa segurança individual e coletiva, construindo agrupamentos de populações afins. Ao circular pelas ruas da Cidade Baixa (bairro boêmio de Porto Alegre/RS), Fernandes (2023) descreve este fenômeno ao

observar lugares nos quais havia maior concentração da população LGBTQIAPN+, de mulheres, de pessoas com maior ou menor poder aquisitivo.

Nesse sentido, a cidade é capaz de repelir a juventude múltipla e diversa que por ela circula, ao mesmo tempo em que pode propiciar lugares apropriados e (re)territorializados capazes de gerar acolhimento a determinadas juventudes marginalizadas. As juventudes, por sua vez, moldam e são moldadas pela cidade em que residem, carregando visões distintas sobre a mesma de acordo com suas vivências e experiências pessoais.

3. METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

O presente estudo objetivou entender as relações dos jovens igrejinenses escolarizados com a escola e a cidade. Para isso, utilizou-se como metodologia balizadora a aplicação de questionário com os alunos de terceiros anos da escola selecionada, assim caracterizando-se como pesquisa quantitativa. O quantitativo permite tecer relações e criar hipóteses pertinentes entre os resultados da amostragem e o objetivo da pesquisa. Pois,

“Muitas vezes, ao valorizar o qualitativo, você não dialoga com o que tem à disposição do quantitativo. O quantitativo responde a todas essas perguntas, mas, ao mesmo tempo, ele norteia. Ele dá o estado da questão, se você souber pegar os dados do quantitativo e a partir deles fazer costuras explicativas, levantar hipóteses, fazer comparação” (Novaes et al., p. 6, 2023).

Quanto ao tipo de pesquisa, classifica-se como descritiva. Os estudos descritivos têm como objetivo descrever um grupo ou situação e procurar desvendar a relação entre eventos (Pedroso *et al.*, 2016). Somada ao potencial de pesquisa descritiva, também é um estudo de caso ao analisar um grupo específico de jovens sujeitos. Sendo o estudo de caso considerado uma análise focalizada pretendendo “obter uma grande quantidade de informação sobre um caso específico” e estabelecer relações com pretextos teóricos (Lima; Moreira, p.46, 2015). Por meio da vinculação de tais técnicas de pesquisa buscamos estabelecer as relações definidas no objetivo principal da pesquisa, além de tornarem possível visualizarmos de forma parcial quem são os jovens igrejinenses escolarizados.

3.2 CENÁRIO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma das duas escolas da rede pública estadual que oferecem Ensino Médio em Igrejinha. A escola fica no bairro Viaduto, próxima ao centro da cidade, cerca de 1km. A escola recebe jovens de vários bairros do município, havendo transporte público oferecido pela prefeitura.

Igrejinha é um pequeno município localizado na região Metropolitana de Porto Alegre próximo à Serra Gaúcha, distante 33km de Gramado. Embora esteja próxima a um polo turístico do estado, a economia igrejinense é historicamente construída pela indústria calçadista, tendo se desenvolvido em ritmo acelerado nas décadas de

1970/1980, recebendo assim grande fluxo migratório devido às ofertas de trabalho. De acordo com o Censo de 2022 (IBGE), tem uma população de 32.808 pessoas com uma área territorial de 138,3km². O bairro Viaduto segue o padrão topográfico de Vale do município, cercado por morros ocupados por casas de vários padrões. Conta com algumas fábricas e ateliers de calçados que têm suas vagas ocupadas principalmente pelos moradores do bairro. São poucos os espaços de lazer públicos disponíveis no bairro, resumidos em praças com brinquedos infantis.

Atualmente, a cidade vem se reinventando economicamente com o declínio do setor calçadista na região com destaque para a área de construção civil e comércio. A Oktoberfest tem importante papel no imaginário dos igrejinenses e é o principal evento cultural. Conta com a ajuda de cerca de 3 mil voluntários (Oktoberfest de Igrejinha, 2023) da própria comunidade que fazem com que a festa aconteça todos os anos. Atrai milhares de pessoas para os dois finais de semana com atrações locais e nacionais.

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos definidos para a pesquisa foram os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio da escola parceira. A faixa de idade dos participantes variou entre 17 e 20 anos, o que os classifica como jovens segundo o Estatuto da Juventude (Brasil, 2013). Todos os alunos dos terceiros anos da escola foram convidados a participar em ambos os turnos oferecidos pela instituição (manhã e noite). O número total de alunos somados seria em torno de 150 alunos. Entretanto, devido às faltas que aconteceram nos dias de tramitação dos documentos e aplicação dos questionários, o número de alunos participantes foi consideravelmente menor. Assim, ao final do processo obtivemos respostas de 33 voluntários.

3.4 COLETA DE DADOS

O procedimento utilizado para a coleta de dados foi a aplicação de um questionário (ANEXO A). Segundo Gil (1999), o questionário pode ser definido

[...]como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc” (p.128).

Entre as vantagens da técnica, o questionário permite atingir um grande número de respostas e garante o anonimato dos respondentes com relativo baixo custo de aplicação. Os dados gerados possibilitam ao pesquisador tecer análises e posteriores relações com foco no seu objetivo. Entretanto, são necessários cuidados para a elaboração de tal ferramenta investigativa. Inicialmente é preciso reiterar a importância da participação do voluntário, expor as vantagens e como é relevante sua participação no estudo (Chagas, p.4, 2000).

O questionário totalizou 15 questões para as quais os participantes tiveram 50 minutos para responderem. A estrutura do questionário iniciou-se com uma breve introdução apresentando o estudo e incentivando a participação, seguida da caracterização da amostra. Em seguida, foi dividida em três partes, sendo elas: 1) Quem são os jovens igrejinenses?; 2) Os jovens e a escola; 3) Os jovens e a cidade. Cada parte foi responsável por explorar um objetivo específico e um eixo do referencial teórico, o quadro a seguir exemplifica a relação.

Quadro 1 - Correlação entre objetivos específicos, referencial teórico e partes do questionário

Objetivos específicos	Eixo do referencial teórico	Parte do questionário
I. Entender quem são os jovens escolarizados participantes da pesquisa.	Juventudes	Quem são os jovens igrejinenses?
II. Identificar as relações desses jovens com a escola em que estudam.	Juventudes e a escola	Os jovens e a escola
III. Analisar as relações desses jovens com a cidade de Igrejinha.	Juventudes e a cidade	Os jovens e a cidade

Organização: O autor, 2023.

3.5 ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram processados apoiados na “Análise de Conteúdo”, descritos por Bardin (1977, p. 32 e 34) como um “leque de apetrechos” que podem ser utilizados para analisar significados, mas também significantes nas mais diversas formas de comunicação. Segundo a autora, a análise de conteúdo conta com três pressupostos principais: pré-análise, exploração do material e por fim o tratamento dos resultados obtidos e suas interpretações.

Assim, elencamos quatro categorias *a priori* para análise de dados, baseados em Oliveira (2015):

- a) O jovem e suas visões sobre a juventude: caracterização de quem são os jovens participantes da pesquisa, suas opiniões acerca das juventudes e se enquadram a si mesmos nessa categoria;
- b) A escola dos jovens: a escola sobre a ótica dos alunos juvenis. De que forma enxergam sua escola? O que gostam e desgostam? Entender o papel da escola para estes sujeitos;
- c) A cidade dos jovens: vivências e percepções sobre a cidade de estudo partindo das falas juvenis. Como os mesmos experimentam a cidade e de que forma ela se apresenta a eles;
- d) As identidades urbanas das juventudes: o sentimento de pertencimento e identidade ligados aos espaços urbanos.

3.6 CUIDADOS ÉTICOS

O presente trabalho seguiu os preceitos apresentados na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016), referência nos cuidados éticos necessários para realização de pesquisas nas ciências sociais. Dessa forma, a instituição parceira na qual os questionários foram aplicados assinou o Termo de Anuência (ANEXO B) e não foi identificada. Assim como, os alunos participantes terão suas identidades resguardadas. Somente puderam participar da pesquisa os estudantes menores de idade que apresentaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos responsáveis (ANEXO C), além dos próprios terem assinado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (ANEXO E). No caso dos alunos maiores de idade, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO D).

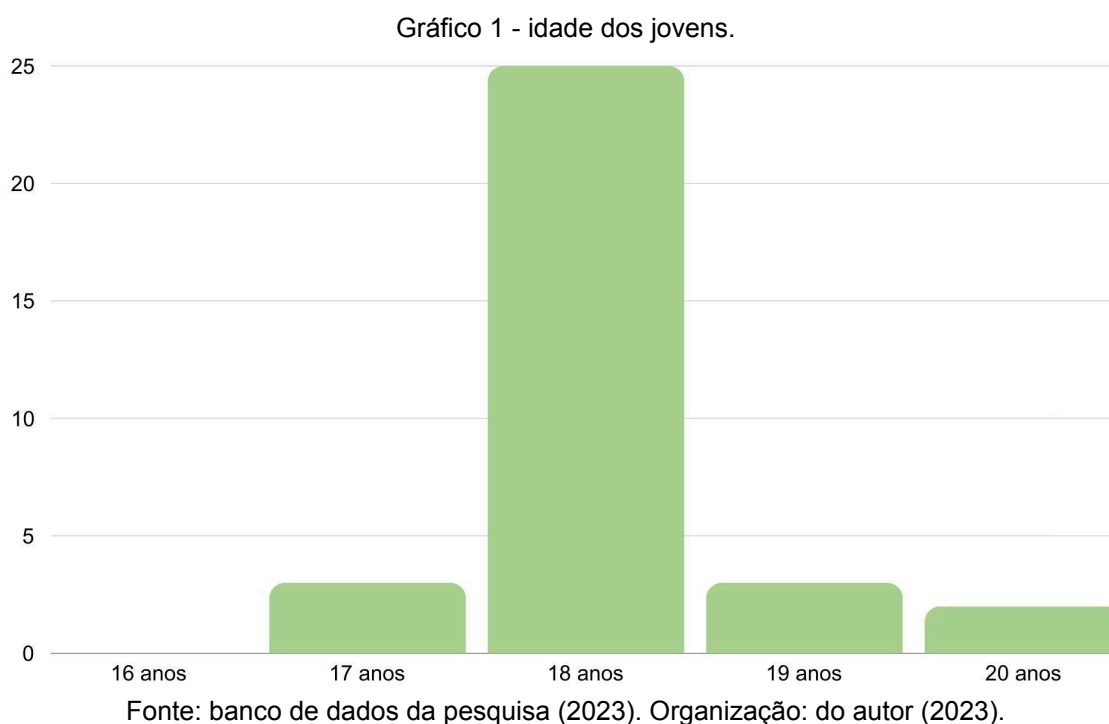
Os participantes foram comunicados previamente sobre o caráter voluntário da pesquisa, assim como tiveram espaço para eventuais dúvidas sobre suas participações. Os benefícios da pesquisa são a contribuição científica ao permitir o avanço dos estudos sobre juventude, mais especificamente em pequenas cidades. Dentro do âmbito educacional, contribui para conhecer melhor os jovens escolarizados igrejinenses, passo fundamental na elaboração de planos

pedagógicos. Os riscos possíveis dizem respeito ao eventual compartilhamento de informações pessoais dos participantes.

4. RESULTADOS

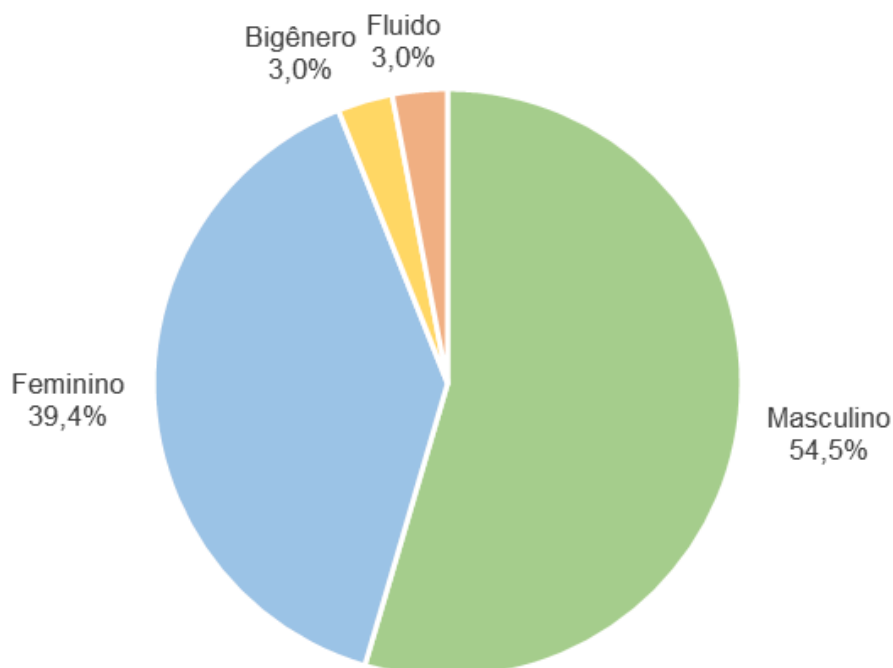
4.1 QUEM SÃO OS JOVENS DA PESQUISA

Os dados coletados e analisados correspondem a 33 respostas obtidas pela participação de alunos do Ensino Médio de uma das escolas da rede estadual no município de Igrejinha. Para iniciar a caracterização da amostra da investigação, apresenta-se o gráfico com a distribuição das idades dos sujeitos.



A ampla maioria dos jovens participantes da pesquisa (75,8%; n = 25) possuía 18 anos. Houve baixa participação de alunos menores de idade (9%; n = 3), pois era necessário o TCLE (Anexo C) com a autorização dos pais. No dia de aplicação do questionário pouquíssimos trouxeram. Ademais, a maioria dos participantes estudava no período noturno, os mesmos se mostraram mais mobilizados em participar do estudo. A próxima pergunta contemplava a identificação de gênero, presente no gráfico a seguir.

Gráfico 2 - gêneros dos sujeitos da pesquisa.



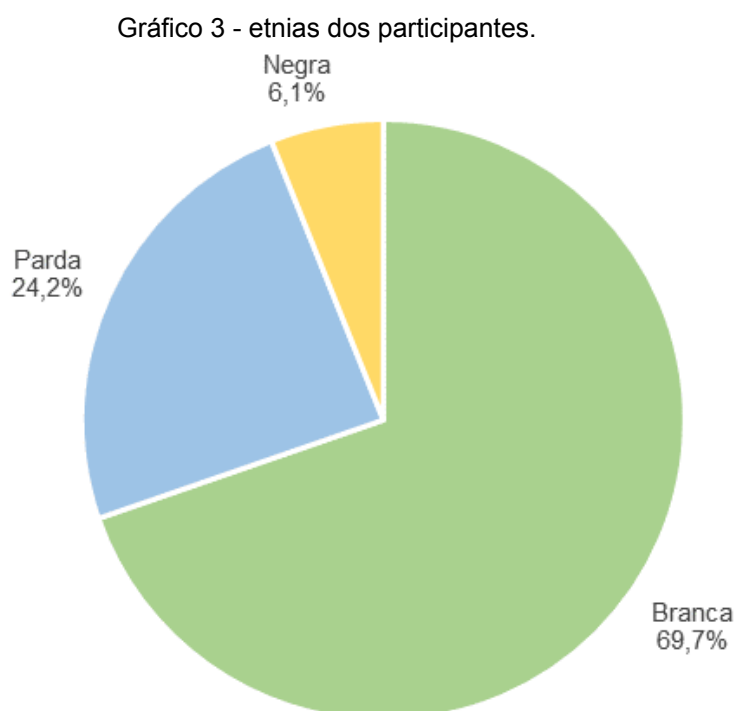
Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

É possível observar a maioria de participantes do gênero masculino (54,5%; n=18), seguido pelo gênero feminino (39,4%). Assim como, apareceram em menor número (3%; n=1) o gênero fluido e bigênero. Entende-se como gênero

[...]as relações sociais entre homens e mulheres; a forma primeira de dar significado às relações de poder; um conjunto de normas que prescrevem o que é feminino ou masculino; um dispositivo cultural que nomeia, hierarquiza, categoriza modos de vida e assim organiza e divide o mundo a partir do que se entende como feminino e masculino (Sales; Silva, 2021, p.14).

Assim, é possível considerar que gênero é um conceito construído historicamente. Entretanto, a simples categorização binária entre homem e mulher, masculino e feminino - encarada como normal social - não é capaz de contemplar a pluralidade de possibilidades quanto a forma que cada sujeito identifica a si mesmo. Existem múltiplas maneiras de se existir descondicionadas do órgão genital, gênero de nascimento. Exemplo disto são os jovens respondentes que se identificaram como de gênero fluido e bigênero, saindo da caixa pré-estabelecida composta por masculino e feminino. Sendo uma clara minoria, surge a reflexão de porque mais jovens não-binários, transgêneros e outras diversidade de gêneros não estão presentes em maior quantidade dentro da escola. Panorama que está longe de ser exclusividade da escola/turmas pesquisadas.

A ausência de tais grupos está relacionada a variados fatores, como o preconceito que muitas vezes está instaurado dentro do seio familiar, dificultando a aceitação do jovem com sua própria identidade. Bem como, a escola através da falta de preparo em receber e acolher estas pessoas acaba por repeli-las do ambiente escolar e reproduzir a norma social na qual acabam por não se enquadrarem (Nogueira; Santos, 2021, p.18). A próxima questão falava sobre a etnia dos jovens, retratada no gráfico.



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

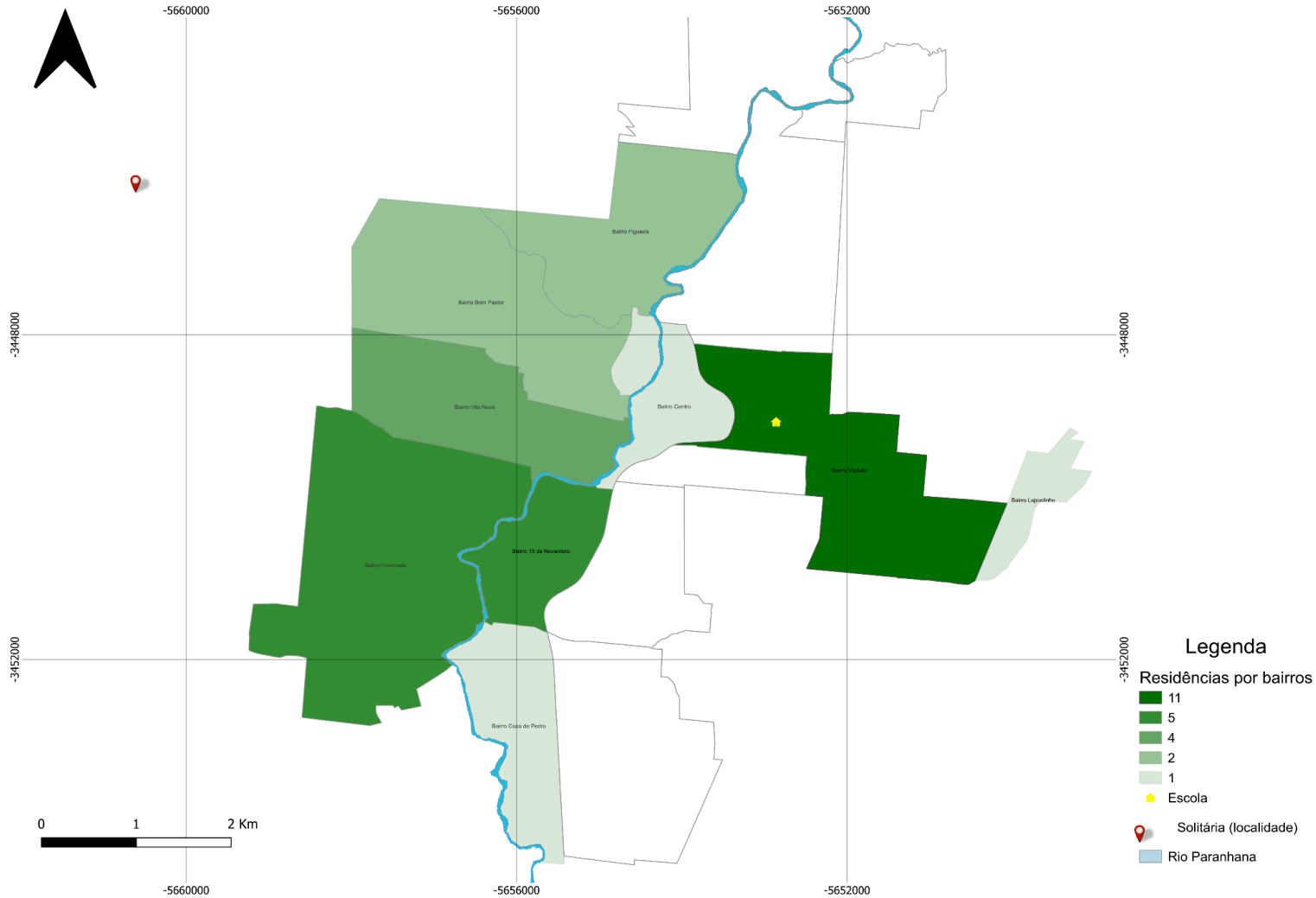
Há uma predominância de participantes brancos (69,7%; n=23), seguidos por pardos (24,2%; n=8) e negros (6,1%; n=2). Nota-se clara diferença numérica entre brancos e negros. Segundo o último Censo (IBGE, 2022), a população negra do país soma a maioria do total populacional, cerca de 55,5%. Sendo assim, vale questionar por que jovens pretos e pardos da pesquisa estão em tão menor número no último ano do Ensino Médio sendo que são maioria da população brasileira? Estão em menor número no fim da educação básica como um todo? Quais os processos que fazem com que isso aconteça?. Jesus (2018) através de sua pesquisa com jovens em São Paulo deixa claro que a evasão escolar de jovens negros vai muito além de desigualdades econômicas, adentrando questões que envolvem atitudes racistas e estereótipos dentro da escola. As quais, por sua vez, nem sempre sabem lidar com

ou fecham os olhos para tais situações. O que é deveras problemático na medida em que a educação deveria ser uma frente de luta e conscientização contra o racismo.

Ao se silenciarem acerca das denúncias, as instituições escolares também se silenciam acerca do próprio racismo e, em consequência, silencia-se sobre os meios de combatê-lo. Afinal, como combater aquilo que não se reconhece a existência? Deste modo, ao permitir a produção e reprodução dos estereótipos raciais, e silenciar-se ante as denúncias, tomando-as como inexistentes, as instituições escolares invisibilizam as possibilidades destes sujeitos, portadores de corpos vistos como anormais, de se converterem, ou se afirmarem em sujeitos diferentes daquilo que é enunciado pelos estereótipos a eles atribuídos (Jesus, 2018, p.15)

Os participantes foram questionados sobre o bairro de residência. O mapa a seguir estabelece relações de bairros com maior número de residências dos alunos, pontuando a localização da escola.

Mapa 2 - Distribuição por bairros das residências dos participantes

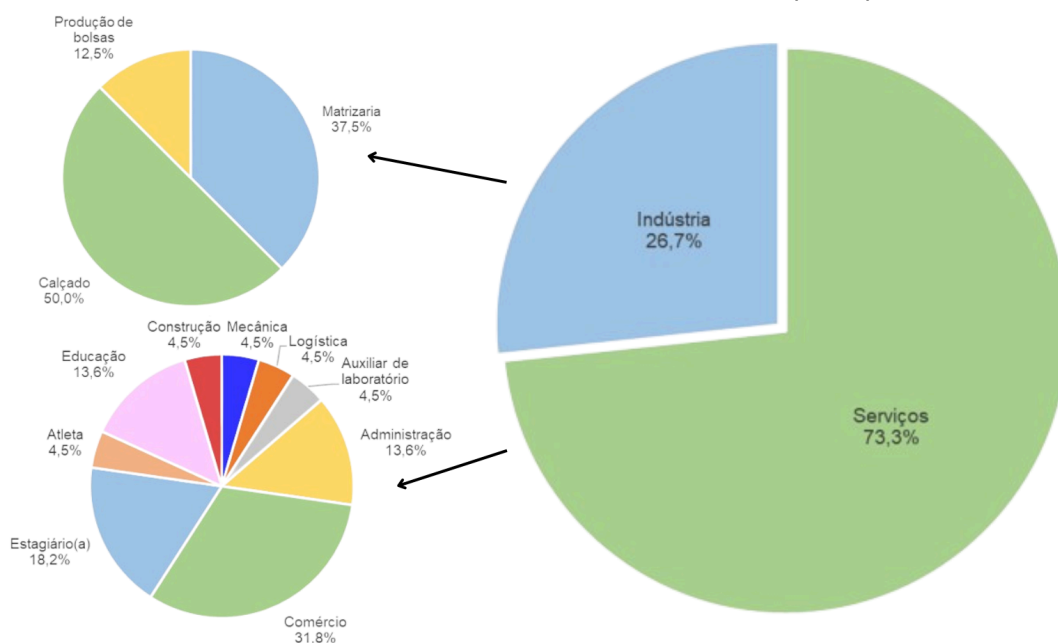


Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Elaboração: do autor (2023).

Ao analisarmos o mapa, nota-se uma concentração dos jovens no bairro Viaduto (33,3%; n=11), onde se localiza a escola. Na sequência há dissipação do restante na área central e parte oeste da cidade. Interessante apontar que a outra escola de ensino médio do município fica no bairro Centro, mais próxima destes bairros. O que permite levantar questões sobre o que levou a escolha por esta escola. Outro ponto que chama atenção é a presença de alunos que moram afastado da cidade, com destaque para a localidade de Solitária (3%; n=1) e um loteamento chamado Sanga Funda (6,1%; n=2), na parte sudoeste do bairro Invernada, quase na divisa com Parobé, município vizinho. A prefeitura municipal oferece transporte para os estudantes irem e voltarem até a escola.

Entre os alunos, apenas 3 (9%) não trabalhavam. O restante dos jovens exerciam atividades em variadas áreas nos turnos inversos da escola. Os próximos gráficos apresentam a divisão dos trabalhos coletados nos questionários.

Gráfico 4 - setores da economia referentes aos trabalhos dos participantes.



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

Embora historicamente o município de Igrejinha tenha se desenvolvido baseado na indústria calçadista, os respondentes estão empregados majoritariamente na área de serviços (73,3%; n=22). Neste recorte, há enfoque para o comércio (31,8%; n=7), estagiários (18,2%; n=4) e setor administrativo (13,6%; n=3). Por outro lado, obtivemos respostas inesperadas como atleta (4,5%; n=1). Ao

observarmos os alunos empregados na área industrial (26,7%; n=8), ainda temos um número significativo de jovens empregados em indústrias calçadistas (60%; n=4), seguidos por trabalhos em matrizerias (37,5%; n=3).

O número alto entre os participantes que trabalham e estudam (91%; n=30) é muito superior aos 11,6% de jovens que estudam e trabalham no Brasil (Brasil, 2019). É difícil estabelecer os motivos de uma taxa tão elevada, além de nossa pesquisa não ter o intuito de estabelecer fins estatísticos formais. Um ponto importante é que a maioria dos pesquisados pertencem ao noturno (como já citado anteriormente). Geralmente, escolhem este turno com a intenção de trabalhar durante todo o dia, possibilitando rendimentos maiores. Em consonância, uma porcentagem tão alta de estudantes trabalhadores vai na contramão do imaginário do jovem como alguém despreocupado, desinteressado.

Mesmo sem ter sido citado diretamente, o empreendedorismo representado majoritariamente por funções autônomas, é cada vez mais difundido e pode permear o jeito profissional de ser também em funções de subordinação dentro de empresas. Nesse sentido, ser empreendedor é representado por uma série de atitudes valorosas no mundo do trabalho que vão possibilitar galgar melhores posições e melhora na condição de vida, na qual o sucesso depende exclusivamente do sujeito (Tomassi; Corrochano, 2020, p.361). O que é problemático ao pressionar estes jovens pela responsabilidade pelos resultados obtidos, sendo que seus esforços são apenas uma parte do todo.

4.2 JOVENS E JUVENTUDES

Este eixo da pesquisa é destinado a temática relacionada à juventude, busca compreender a relação de pertencimento dos participantes enquanto jovens e de que forma enxergam as juventudes. A pergunta de abertura foi “O que é ser jovem”, a qual resultou na seguinte nuvem de palavras.

Figura 1 - O que é ser jovem?



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: o autor (2023).

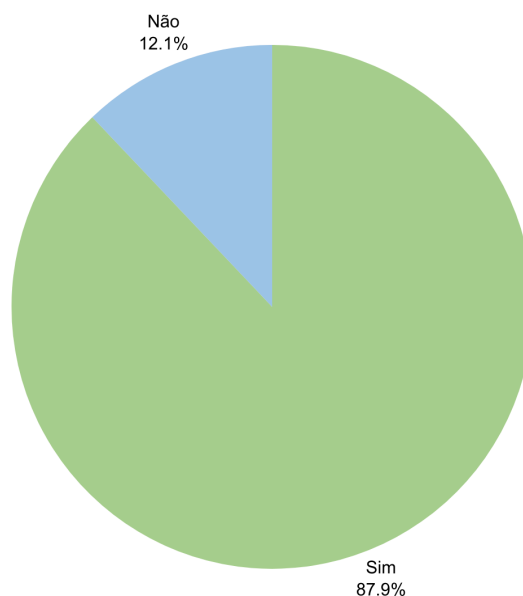
Podemos destacar algumas das palavras que mais apareceram de acordo com a figura 2, tais quais “vida”, “jovem”, “aproveitar”, “viver”. Termos que podem indicar a juventude como um período da vida dedicado a “viver ao máximo” e a “melhor fase de se viver” como apontaram alguns participantes. Entretanto, outras respostas complementam e adicionam a multiplicidade do que é ser jovem. Dentre elas, “experiências”, “aprender”, “estudar”, “trabalhar”. Trazem maiores responsabilidades e obrigações, uma forma diferente de ver a juventude não baseada somente nas liberdades. Oliveira (2015) estrutura em categorias a visão dos jovens sobre a juventude em sua pesquisa, as quais utilizaremos em pontos de interseção nos dados da presente pesquisa. Assim, identificamos

- a) respostas que consideram a juventude como uma fase de curtição:
- *Viver aproveitar os momentos;*
 - *Poder sair beber aproveitar e conhecer enquanto é jovem faço tudo que eu quero para que no futuro não fique pensando que porque não fiz;*
 - *É viver a vida como se não houvesse amanhã, aproveitando cada momento (sem faixa etária de idade);*
 - *Acredito que seja, viver a vida com mais leveza sem se preocupar com as coisas;*

- b) Respostas que consideram a juventude como uma fase de curtição, mas com responsabilidades:
- *Pra mim é cuidar, aproveitar, e fazer sua vida;*
 - *Ser jovem é batalhar por suas conquistas, e se emocionar quando realiza algo, ir em festas, curtir o final de semana;*
 - *Ser jovem é aproveitar, viver o máximo, fazer loucuras (com responsabilidade) e ser feliz. Ser jovem é fazer da sua vida algo bonito;*
 - *Ser jovem é aproveitar a vida, estudar e trabalhar, ter suas próprias coisas.*
- c) Respostas que consideram a juventude fase de transição:
- *É aprender a ser adulto e maduro para a vida;*
 - *Uma era de experiências e preparatório para a próxima fase;*
 - *É ser um quase adulto, porém sem tantas responsabilidades.*
- d) Respostas que consideram a juventude como fase de descobertas:
- *Ser jovem é querer aprender com cada experiência que se é colocada;*
 - *Para mim, ser jovem é o processo que passamos para ter experiências boas ou ruins;*
 - *Descobrir quem é você e ter experiências.*

A pluralidade das respostas distribuídas entre as categorias exibem o quão errôneo é estereotipar as juventudes como uma massa uniforme distribuída em determinada faixa etária. Até a maneira que os jovens enxergam a juventude traz controvérsias e pontos de convergência. Pode ser uma fase de curtição, mas será que somente de curtição desenfreada? Sem responsabilidades? Por outro lado, será que é uma fase de curtição para todos? As próprias respostas expostas anteriormente esclarecem que as juventudes são múltiplas, pois carregam vivências, experiências próprias que os constituem enquanto jovens que são. Mesmo que fujam dos pressupostos.

Gráfico 5: Você se considera jovem?



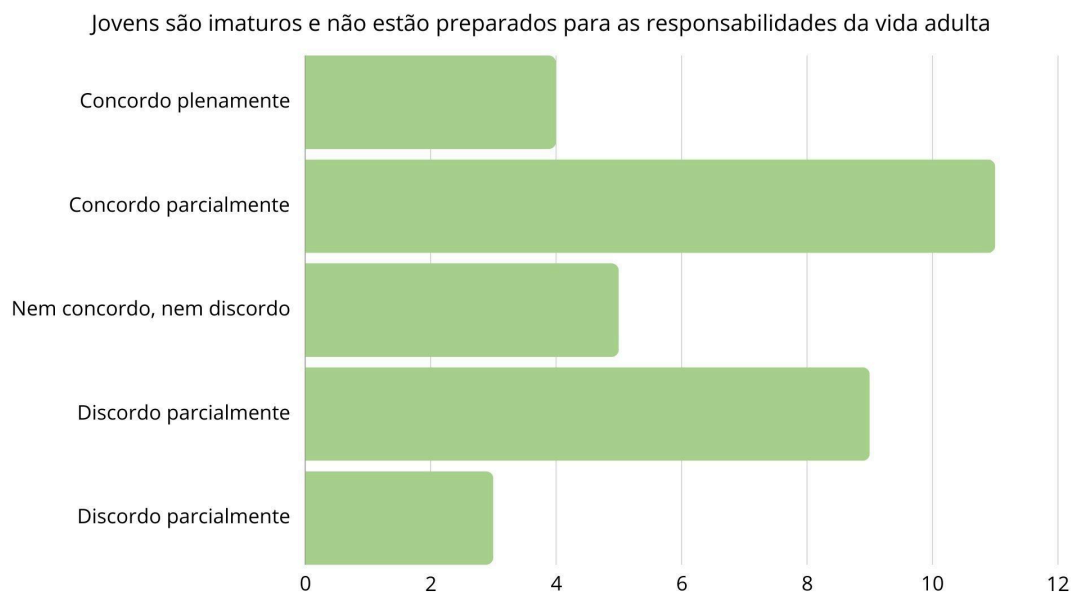
Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

Quando questionados “Você se considera jovem?” tivemos 29 dos 33 respondentes (87,9%) afirmando que sim. Cabe destacar algumas respostas que expõe a multiplicidade de perspectivas e justificativas:

- *“Sempre me considero jovem sim por não ter dores musculares nenhuma e enfermidade. Me considero jovem”;*
- *“Sim, ainda não tomo as decisões importantes, mas tenho responsabilidades”;*
- *“Sim, tanto pela idade, linguajar e gostos”;*
- *“Creio que sim, porque eu estudo, tenho um plano para onde quero seguir e tenho tempo para aproveitar a vida”;*
- *“Não, as preocupações do dia a dia meio que tomaram conta dos meus pensamentos e eu esqueço de viver a minha vida”.*

Na sequência da pesquisa, foi-lhes apresentada uma afirmação, “jovens são imaturos e não estão preparados para as responsabilidades da vida adulta”, para qual deveriam expor seu grau de concordância dentro da escala Likert.

Gráfico 6: Escala Likert - “jovens são imaturos e não estão preparados para as responsabilidades da vida adulta”



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

Analisando o Gráfico 6 é possível notar uma maior discordância entre as respostas. As alternativas que apresentavam concordância total ou parcial (45,6%; n=15) levaram vantagem sobre as que apresentaram discordância total ou parcial (36,7%; n=12), com número significativo de não concordância ou não discordância (15,2%; n=5). A divisão dos participantes entre as alternativas mostra a reflexão causada pela frase. O grau de concordância ou discordância perpassa a imagem do jovem que eles têm das juventudes e de si, ao identificarem-se ou não com a frase colocada.

A pergunta seguinte solicitou que os alunos elencassem 3 atividades que eles gostam de fazer em seu tempo livre. Foram separadas em categorias as principais atividades que apareceram:

- Assistir séries/filmes/jogos;
- Passar tempo com família/amigos/namorado(a);
- Praticar esporte ou atividade física;
- Passear;
- Celular/redes sociais;
- Leitura;
- Andar de carro/moto;
- Dormir.

Vemos que as atividades citadas estão desvinculadas dos compromissos formais diários dos estudantes: estudo e/ou trabalho. E de forma alguma são menos importantes por conta disso, uma vez que os espaços e formas de lazer das juventudes carregam grande potencial educativo (Campos *et al*, 2021). Contando com algumas individuais como leitura, mexer no celular, acessar redes sociais e dormir. Mas também com atividades essencialmente coletivas como passar tempo com a família/amigos/namorado(a), expondo as relações sociais que acontecem fora dos muros escolares. Em concomitância, algumas delas mostram que parte do lazer dos participantes tem relação com a cidade em que vivem, tais quais passear e andar de carro/moto.

Ao traçar um recorte dentro da categoria de séries/filmes, muitas das respostas trouxeram os serviços de streaming como Netflix. O que se estende à categoria de celular/redes sociais para o qual foram citados Tik Tok, Youtube, jogos digitais. O tempo livre das juventudes associado a meios digitais cresceu exponencialmente com as evoluções tecnológicas e a expansão das conexões com a internet. Como resultado houveram reações polarizadas entre o “alarmismo” do fim da inocência das novas gerações agora conectadas e a exaltação do caráter benéfico de empoderamento que o acesso às mídias digitais poderiam gerar (Junior; Bungenstab, 2018).

Entretanto, nenhum dos dois pólos explora as desigualdades nas formas de acesso que as juventudes têm de acordo com suas condições financeiras e as distâncias sociais e culturais que isso causa. Quanto a amostra da pesquisa, é válido refletirmos: quantos deles tem celular? Quantos têm acesso à internet de forma plena? E aos que não tem acesso, de que modo isso influencia nas relações sociais tecidas dentro e fora da escola? Ainda mais pensando que

[...]o lazer mediado por tecnologias digitais desponta como um importante vetor potencial do protagonismo juvenil. Primeiro, porque fornece plataformas de sociabilidade capazes de transcender limitações geográficas, unindo sujeitos que compartilham todo o tipo de interesse e afinidade, mesmo que estejam em polos opostos do planeta. Isso enseja a criação de comunidades nas quais são estabelecidos laços sociais duráveis e efêmeros. Além disso, também oferecem linguagens, ferramentas e plataformas de criação, por meio das quais podem expressar pensamentos, visões e idiosincrasias, sejam elas individuais ou frutos da cooperação/colaboração tribal (Junior; Bungenstab, 2018, p.525).

A internet faz parte do cotidiano das juventudes (mas não de todas) através do celular, computador, televisão, entre outros. Permitem por meio de suas normas

próprias uma outra organização que pode se mostrar mais atrativa e significativa para estes jovens em alguns casos transpondo atividades/relacionamentos até então do mundo físico para o mundo virtual. Schwertnerp e Fischer (2012) expõem muito bem esta nova realidade conectada através de sua pesquisa:

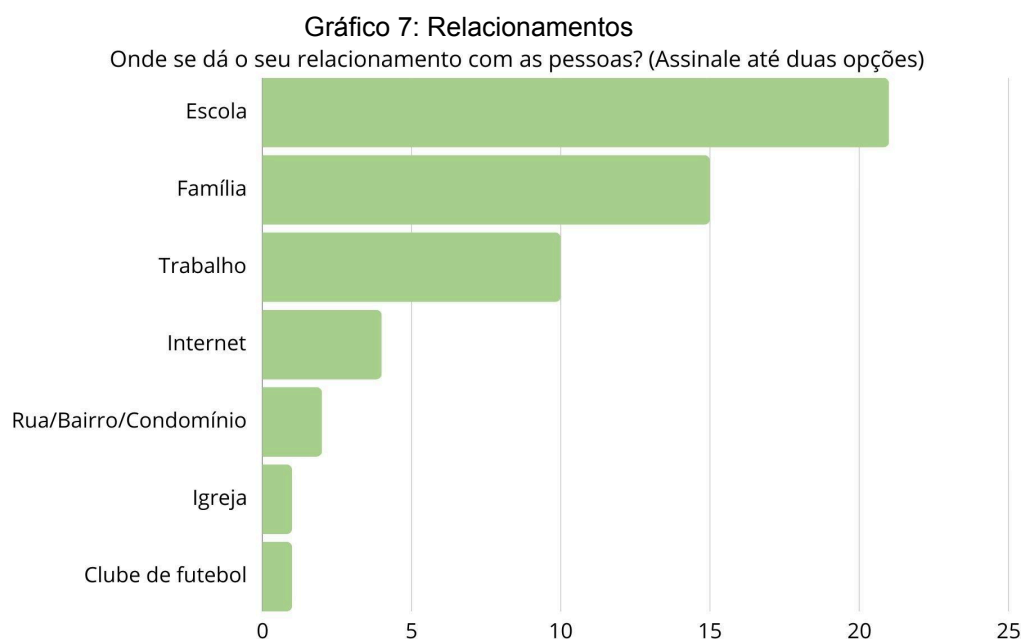
Talvez pudéssemos levantar a hipótese de que espaços não ocupados no social, pelos mais jovens, seja por falta de programas de educação e lazer públicos, seja pela sensação de medo em relação ao mundo da rua¹⁰, estariam sendo substituídos, em boa parte do dia, pela experiência solitária, e ao mesmo tempo conectada, diante do computador e com acesso à internet, por parte de estudantes de seus 13-16 anos do meio urbano (p. 409).

Hoje os celulares tomaram o lugar do computador, como inclusive aponta a presente pesquisa, fazendo com que o acesso a internet fosse ainda mais disseminado. Os jogos digitais, streamings, livros, todos podem ser acessados diretamente de um aparelho que cabe no bolso. O que torna o acesso mais prático e muito mais difícil de desconectar.

A questão finalizadora deste eixo do questionário foi em quais espaços, principalmente, acontecia a socialização destes estudantes, entendida como

o processo por meio do qual, esses sujeitos interagem com o social, construindo dessa relação seus valores, suas normas e seus papéis, definindo e redefinindo suas posições e representações das suas próprias necessidades e interesses, mediado continuamente pelas diversas fontes, instituições e outros espaços educativos, que constituem suas formas de pensar, sentir e agir (Durand; Souza, 2001, p.170).

Os dados coletados estão presentes no gráfico seguinte.



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

É possível observar que a escola é o espaço predominante nas relações sociais dos jovens pesquisados (38,9%; n=21) acompanhado pela família (27,8%; n=15). Pode-se perceber o quanto a escola ainda segue sendo espaço de socialização das juventudes pesquisadas, o principal deles. Muito por conta de ser “essencialmente um espaço coletivo de relações grupais. O pátio, os corredores, as salas de aula materializam a convivência e a rotina das pessoas” (Oliveira; Röwer, 2020, p. 70). Mesmo que escola e família ocupem posição de destaque, não são as únicas. Trabalho (18,5%; n=10) e internet (7,4%; n=4) também aparecem. As transformações sociais, técnicas e informacionais do século XXI ampliaram a participação e emancipação das juventudes, tornando-as mais protagonistas de suas trajetórias. Assim,

o jovem que está inserido em determinado grupo social não se reduz a esse vínculo, e pode ser pensado a partir da posição desse grupo em um espaço social. Os jovens contemporâneos encontram-se em uma sociedade em que as instituições tradicionais de socialização, como escola, mostram-se frágeis, não sendo uma referência de valores e normas (Durand; Souza, 2001, p.170).

Embora sejam fatores cruciais no processo de socialização, a escola, família e trabalho dividem espaço com novas formas de se relacionar, inclusive virtuais. A relação das juventudes pesquisadas com a escola em especial será abordada com maior profundidade no próximo eixo do trabalho.

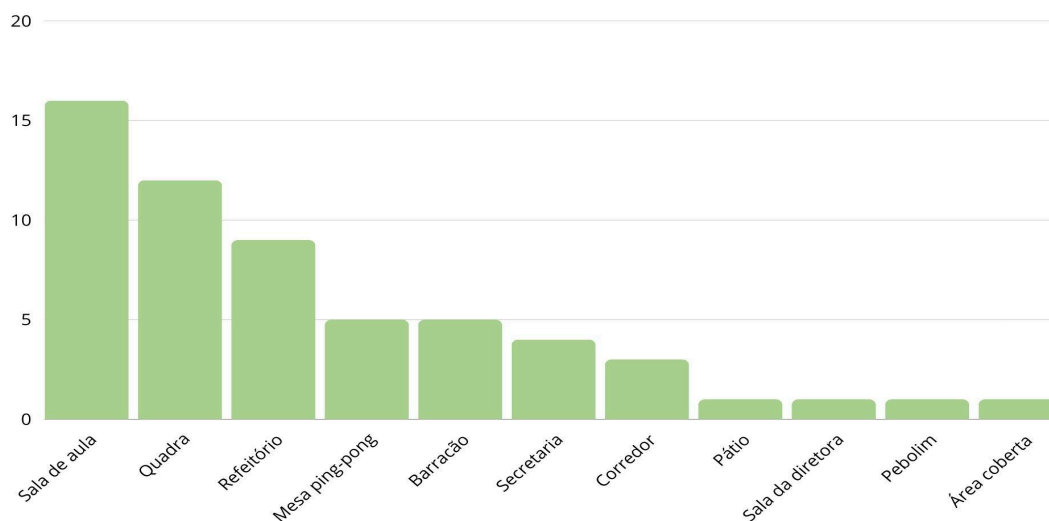
4.3 JOVENS E ESCOLA

O segundo eixo busca estabelecer as relações existentes entre as juventudes participantes e a escola em que estudam. Para iniciar, os jovens tiveram de responder a seguinte indagação: “Quais as 3 primeiras palavras que vêm a sua mente quando pensa em sua escola?”. As palavras que mais se repetiram estão distribuídas na figura que se segue.

afetar diretamente a qualidade de sua aprendizagem. [...] Sabe-se que muitos desses alunos frequentam a escola apenas para se alimentarem da merenda, pois, devido a classe social que os alunos compõem, algumas dessas famílias não têm condições de realizar algumas ou nenhuma refeição. [...] Muitos destes educandos chegam na escola completamente debilitados, não prestando atenção nas aulas e com isso dificultando a sua aprendizagem (Amorim, 2018, p. 12).

A refeição oferecida neste caso pelo governo federal através do PNAE tem papel fundamental ao contribuir para o melhor aprendizado desses jovens na escola, visto que a falta de alimentação ou uma alimentação insuficiente pode deixar os alunos mais sonolentos, desatentos ou até mesmo muito agitados (Amorim, 2018).

Gráfico 8: Espaços da escola que você mais frequenta.



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

Quando questionados sobre os espaços de preferência dentro da escola, a sala de aula (36,2%; n=16), quadra (20,7%; n=12) e refeitório (15,5%; n=9) foram os espaços que mais apareceram. Três elementos que podem indiciar papéis que a escola representa nas vidas destes jovens.

1) a sala de aula:

Local onde os jovens passam a maior parte do tempo na escola. O espaço central no imaginário escolar, afinal “os alunos vão à escola para estudar”. Cabe aqui mostrar o quão significativa é essa preferência por este espaço. Contrastando com os estudos de Oliveira (2015), às juventudes aqui pesquisadas responderam que gostam de estar em sala de aula, um dos espaços preferidos dentro do contexto escolar. Assim, buscamos levantar questionamentos que busquem entender a causalidade de tal fato. Como são as aulas dentro da escola? Quais as metodologias trabalhadas para que os alunos gostem de estar na sala de aula?

Figura 3 - Sala de aula



Fonte: o autor (2023).

2) a quadra:

Podemos elencar aqui o claro caráter esportivo e, talvez, o principal motivo para ter sido elencado como um dos principais espaços de preferência. Durante o recreio, os jovens (maioria de meninos) organizam partidas de futsal que duram todo o período de intervalo. Sendo também o palco principal das aulas de educação física. De acordo com Silva (2014),

o esporte, de maneira geral, pode ser considerado como um fato social por ser construído socialmente, influenciando costumes e hábitos presentes no cotidiano do indivíduo, mesmo que esteja fora de sua própria consciência. Este fato social, o esporte, também pode ser visto como um importante aliado no aspecto socializador de uma comunidade, influenciando, assim, nos processos de socialização que são determinantes para a realidade do indivíduo e da sociedade (p.22).

Assim, a menção a quadra como espaço esportivo engloba o efeito socializador de tal prática. Seja para os jovens que jogam, ou para os que assistem enquanto conversam e torcem nas arquibancadas. Por outro lado, a quadra se localiza aos fundos da escola, rodeada pelos muros limítrofes. Espaço mais distante da direção e que permite que os alunos passem tempo ou “matem aula” com marcação mais branda do corpo diretivo e professores.

Figura 4 - Quadra



Fonte: O autor (2023).

3) o refeitório:

Espaço destinado ao consumo da merenda escolar durante o intervalo. Aqui cabe reiterar a importância da alimentação escolar para as estudantes, como já trazido anteriormente, afinal

A alimentação escolar é um fator primordial para o aprendizado e desenvolvimento cognitivo do aluno, tendo em vista que, quando o estudante está devidamente nutrido ele desenvolve uma capacidade necessária que contribui para o seu crescimento acadêmico e concentração dentro de sala de aula, deste modo favorece o rendimento escolar como um todo (Braga, *et al.*, 2021, p.11).

Sendo assim, são duas as possibilidades (que acredito se combinarem) de escolha por este espaço: o fato de oferecer alimentação em si, e o tempo que os alunos permanecem enquanto comem geralmente em pequenos grupos, gerando momentos de interação com mais liberdade e mais descontraída em comparação com a sala de aula.

Figura 5 - Refeitório



Fonte: o autor (2023).

Na continuidade os jovens foram perguntados sobre o que a escola/educação representa em suas vidas. A nuvem de palavras na sequência expõe as que tiveram maior incidência.

Figura 6 - O que a escola/educação representa em sua vida?



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

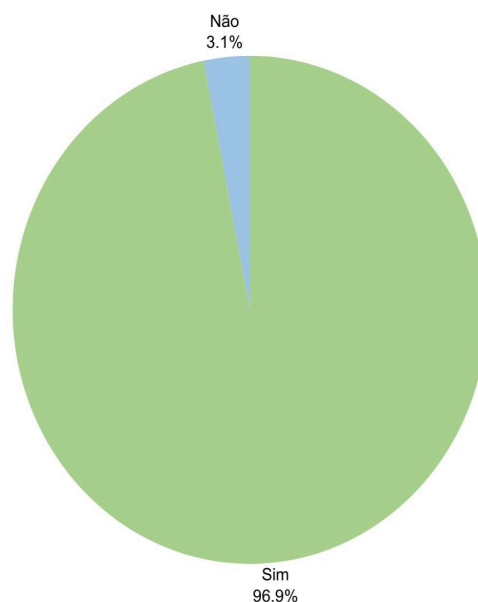
Palavras como futuro, vida, importante, aprender, fundamental, apontam a importância da escola na trajetória destes sujeitos. Vêm a potencialidade da escola de municiá-los com os atributos e ferramentas necessários para seguir seus projetos

de vida. O que fica ainda mais claro ao analisarmos algumas respostas individualmente:

- *É muito importante para a nossa vida. Em todas as áreas, é fundamental para se expressar aonde for e ter um trabalho bom;*
- *Muita coisa, minha vida está em torno de educação até o momento. Mas também representa evolução e um meio de crescer na vida;*
- *Representa meu futuro, sem esses ensinamentos, eu não saberia o primeiro passo.*

Este papel decisivo da educação pode ser a causa dos resultados da próxima pergunta. O Gráfico a seguir aborda se os alunos gostam de estudar na escola em questão.

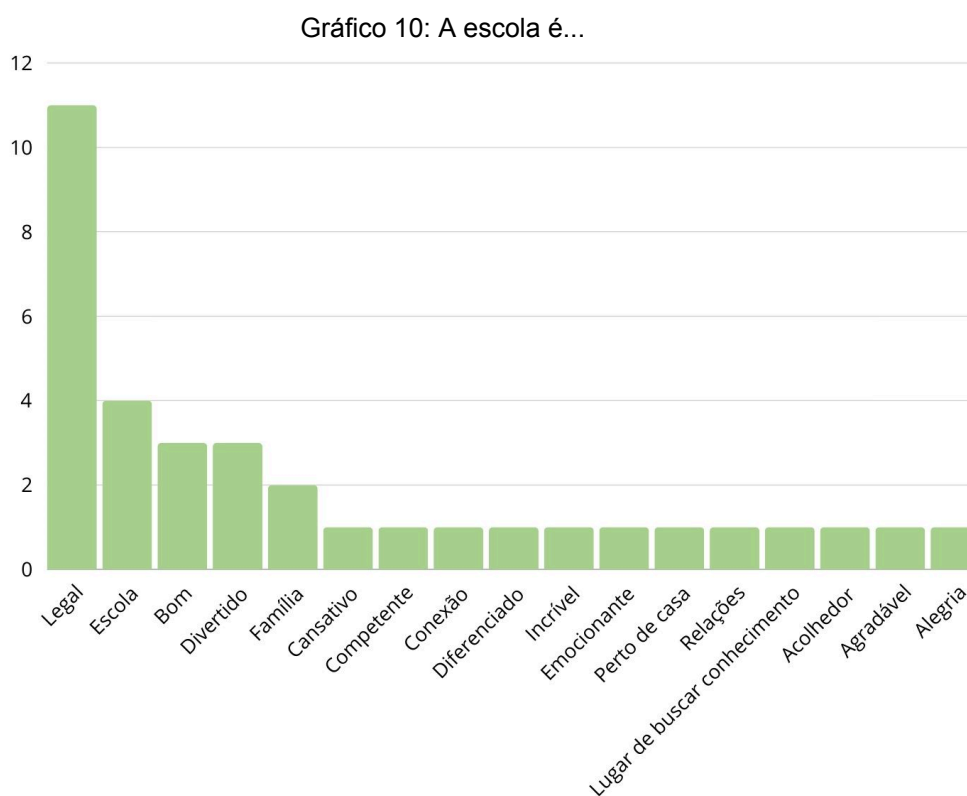
Gráfico 9: Você gosta de estudar na escola? Por quê?



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

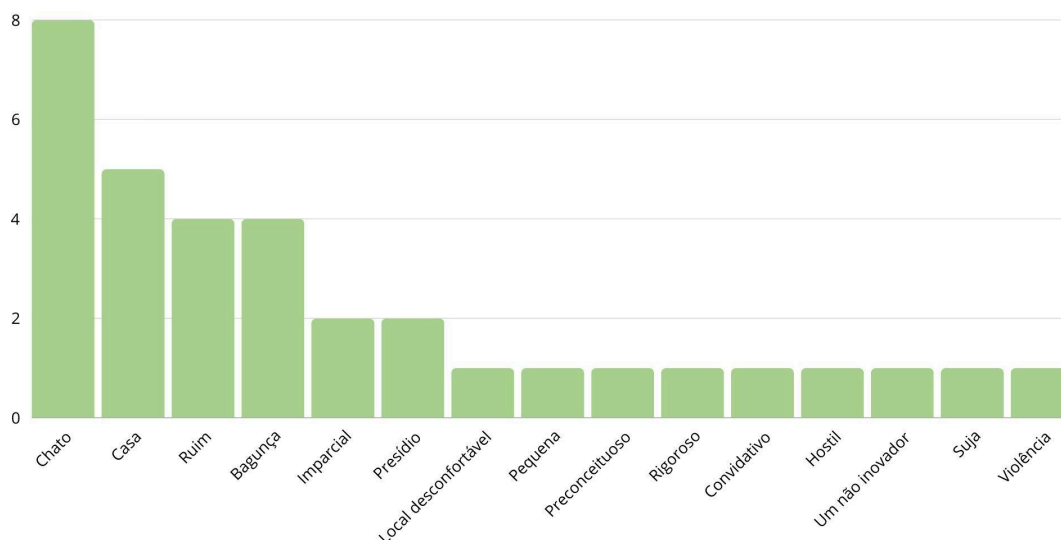
A maioria esmagadora de respostas positivas (96,9%; n=31) levam a crer que os alunos têm uma relação de afinidade com a escola. Essas respostas combinam diversos fatores que envolvem o acolhimento, bons profissionais (professores e funcionários), relações de amizade e até de história familiar - “Sim, pois meus pais estudaram aqui”. O que não é incomum. Sendo uma das duas escolas a oferecerem Ensino Médio no município, diferentes gerações acabam por estudar na mesma escola, encontrando pelo percurso até os mesmos professores, em alguns casos. Fica claro que ao dizer que gostam de estudar, não quer dizer que acham a escola perfeita. Porém, apesar de seus defeitos (na visão dos respondentes) ainda sim há

atributos que lhe tornam atrativa, como exposto por esta afirmação: Sim, por mais que educação não seja 100% perfeita, é uma escola agradável de se estar. A próxima sequência de gráficos busca explorar mais os fatores de atração e repulsão sobre a escola baseado nas suas experiências. Para isso, utilizamos como base a sequência de antíteses *é/não é*, *tem/não tem*, desenvolvida por Oliveira (2015) que busca “perceber a visão desse aluno em relação às qualidades e possíveis dificuldades da escola” (Oliveira, p.105, 2015).



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

Gráfico 11: A escola não é...



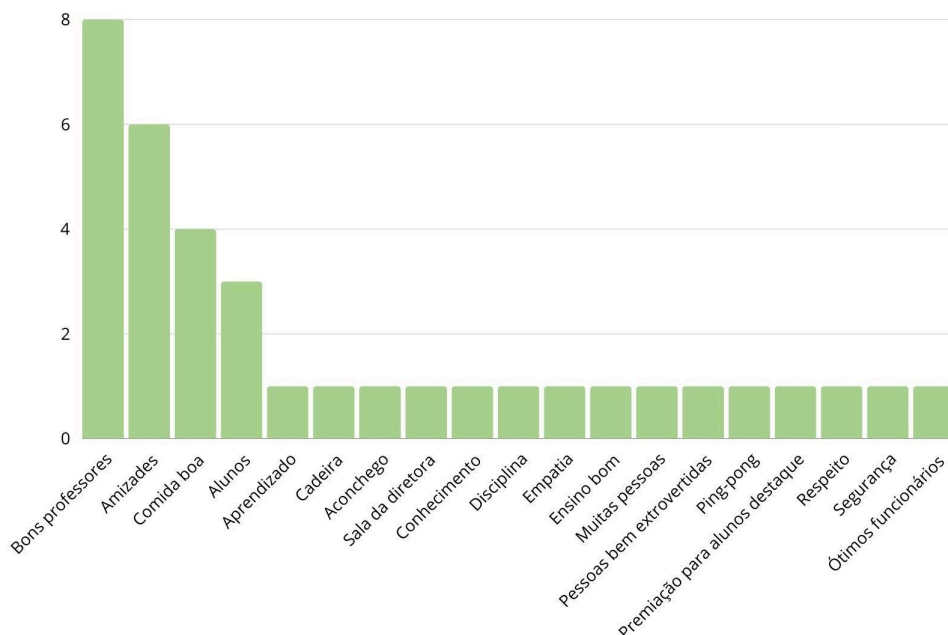
Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

Ao analisarmos o primeiro conjunto composto por a escola é/a escola não é, vemos muitas colocações positivas sobre a mesma. Pois, na visão dos respondentes a escola é legal, boa, divertida. Ao mesmo tempo que não é chata, ruim, bagunça. Fica claro que os alunos respondentes gostam da escola em que estudam. Trazem fatores que são importantes para eles(as), tais quais a escola não ser suja, hostil ou violenta. O que certamente nenhuma escola deveria ser. Outra afirmação que chama atenção e ganha destaque é a escola ser família. Como a escola pode ter tamanha relevância para ser família na visão destes jovens? E qual a visão de família que eles carregam? Talvez palavras que vêm na sequência possam induzir uma resposta ao destacarem a escola como um lugar acolhedor, agradável e que não é preconceituoso.

Embora os aspectos negativos sejam bastante reduzidos, é preciso trazê-las porque não são menos significativas para nossa análise. Como por exemplo a colocação de que a escola não é convidativa. Quais as experiências que este aluno vivenciou que o trazem esta percepção? Envolvem questões físicas, estruturais? Ou foram acontecimentos envolvendo relacionamentos sociais que acontecem dentro da escola? Reflexões parecidas podem ser tecidas para a resposta de que a escola não é imparcial. Por outro lado, aparece também a questão da escola ser cansativa. O que a torna cansativa, as aulas? Quantia de tempo dentro do ambiente escolar? Porém, enumero aqui mais uma possibilidade. Pensando na quantidade de alunos que disseram trabalhar nos turnos inversos, é possível que o cansaço citado não

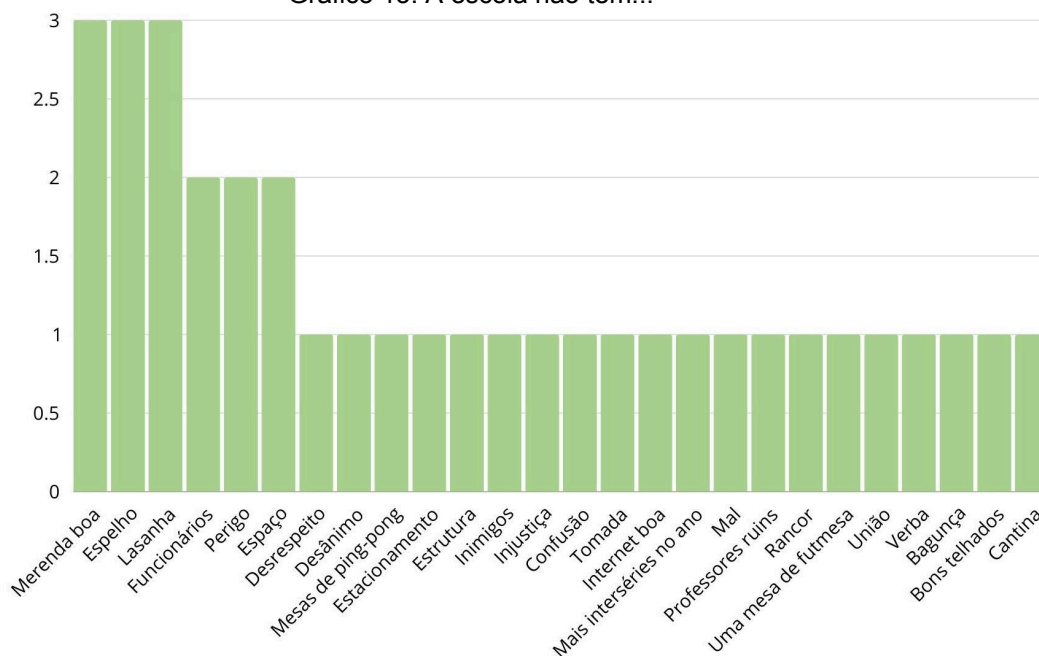
seja somente pelo tempo estudando, mas por conta do cansaço somado ao fato de trabalhar.

Gráfico 12: A escola tem...



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

Gráfico 13: A escola não tem...



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

Novamente são citados aspectos positivos da escola, como ter bons professores, amizades, comida boa, aprendizado, segurança. Porém, diferente das respostas obtidas na antítese é/não é, o Gráfico 13 em específico traz um teor de

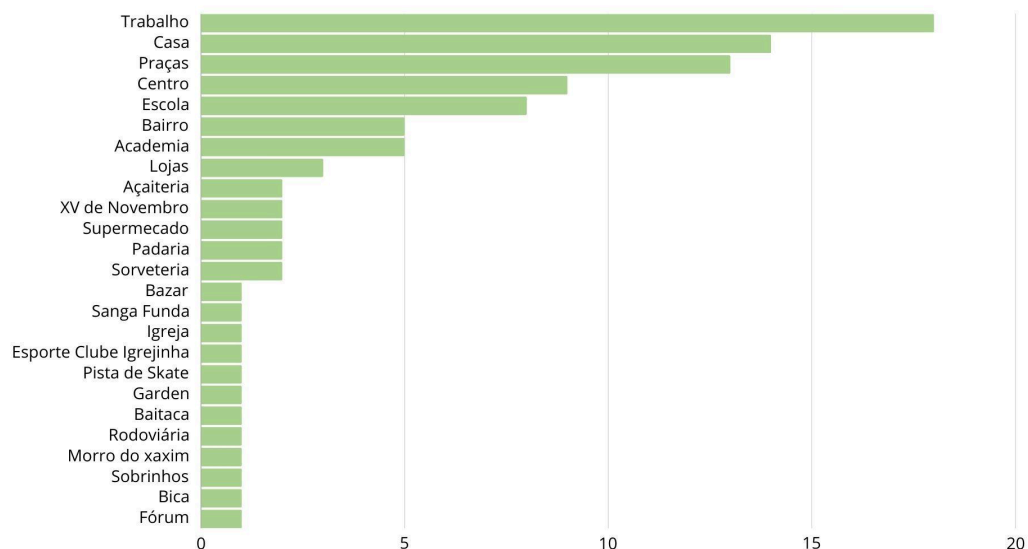
denúncia apontando o que poderia ser melhor/melhorado. O que varia desde qualidade da merenda (não tem merenda boa, lasanha, cantina) a qualidade da internet e questões de estrutura (não tem bons telhados). Vale ressaltar duas respostas que podem justificar as queixas anteriores, além de mostrar o quão ciente são os alunos em relação a realidade da escola em que estudam: a escola não tem verba e funcionários. Aqui abro espaço para reiterar as críticas trazidas neste tópico, pois como um ex-estudante da escola pesquisada também passei por situações parecidas que explicitam os problemas financeiros que a escola tinha de passar. Tais quais problemas com a rede elétrica muito antiga e goteiras estruturais devido a situação dos telhados.

Uma resposta que se destacou pela repetição foi a falta de espelho da escola, este destaque mostra a importância da aparência para estes jovens pesquisados, de verem a si mesmos frequentemente e estarem preocupados com sua imagem. Assim como a menção a presença de uma mesa de ping-pong e ausência de uma futmesa, objetos não relacionados ao ensino em si, mas que são importantes para os alunos nos momentos de recreação. Conforme visto ao longo deste eixo, é possível afirmar que diferentemente do que crê o senso comum, as juventudes não são apáticas, desligadas do que acontece aos seus arredores, pelo contrário, percebem os espaços pelos quais transitam, são conscientes e geram opinião sobre eles, como é o caso da própria escola.

4.4 JOVENS E CIDADE

O último eixo do trabalho buscou entender a relação dos jovens participantes com a cidade em que residem. Mais do que isso, se propõe a analisar de que forma se apropriam da cidade e qual suas visões sobre ela. Nossa primeira pergunta contemplava os três espaços que os alunos mais frequentavam na cidade, de maneira geral.

Gráfico 14: 3 espaços que mais frequenta em Igrejinha.



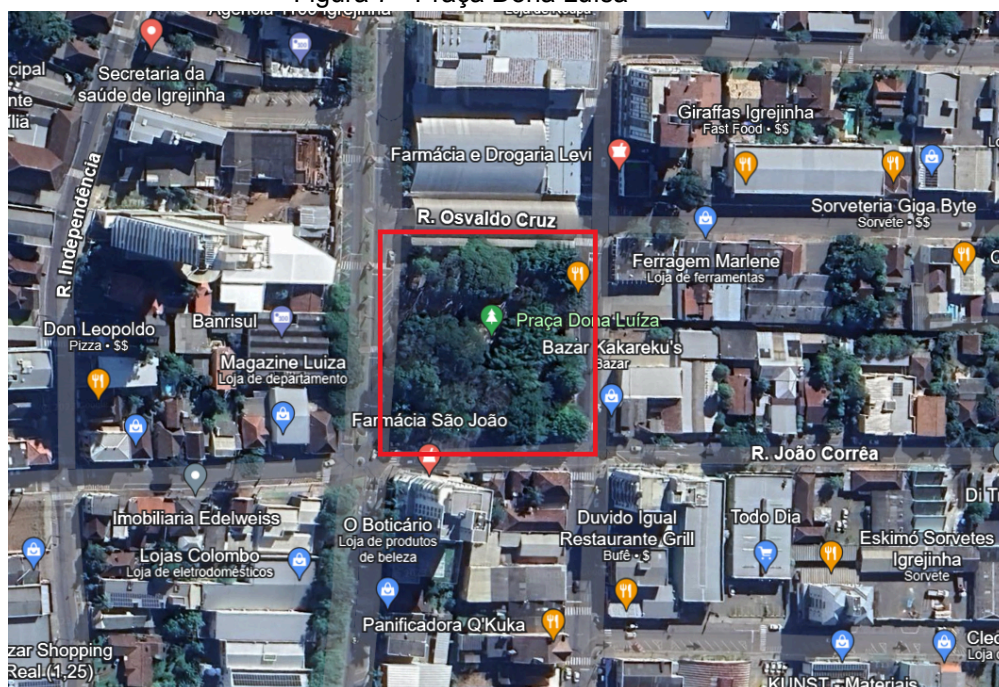
Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: do autor (2023).

Trabalho e casa ocuparam as duas primeiras posições, o que é compreensível. Na sequência vemos outros 3 espaços com bastante destaque: praças, centro e escola. Sobre estes três em específico iremos nos ater para uma descrição aprofundada.

a) praças:

Dentro da categoria praças, somente duas foram citadas. Sendo elas a Praça Dona Luísa e a Praça Dona Helena Leão. A primeira delas é um local amplo, repleto de bancos e árvores, além de contar com uma pracinha infantil. Localizada no Centro da cidade, fica de frente para a principal avenida, Presidente Castelo Branco. É muito procurada durante os finais de semana, principalmente nas estações quentes do ano. Há um comércio próximo formado por sorveterias, vendedores ambulantes de churros, batatas chips, focado no público que costuma frequentar, geralmente composto por famílias com crianças.

Figura 7 - Praça Dona Luísa



Fonte: Google Earth (2023). Adaptação: o autor (2023).

Por sua vez, a Praça Dona Helena Leão fica em um ponto periférico da cidade, localizada no Bairro XV de Novembro. Entretanto, foi de longe a mais citada pelos respondentes. A Praça é ampla e acompanha a principal avenida do bairro, Ildo Meneghetti. Também conta com árvores e bancos ainda que em menor número, mas em contrapartida oferece opções de lazer mais variadas: pracinha para crianças, quadra de vôlei de areia e campo de futebol de areia. É muito frequentada por todos os públicos, inclusive é o campo que recebe o campeonato municipal de futebol de areia. Nos finais de semana é repleta de famílias tomando chimarrão e acompanhando crianças brincando.

Figura 8 - Praça Dona Helena Leão



Fonte: Google Earth (2023). Adaptação: o autor (2023).

b) Centro:

O bairro Centro de Igrejinha é relativamente pequeno em extensão, como podemos ver no Mapa 2. Entretanto, engloba a maioria dos comércios da cidade, como supermercados, padarias, lojas, salões de beleza/barbearia e bares. O “ir ao centro” é atrelado inclusive a resolver pendências, pagar contas, fazer compras, etc. Além disso, é um ponto de encontro nos finais de semana que oferece opções de comida e bebida com diversidade de escolha, principalmente para jovens. Relevante citar o Bar do Waldir que é conhecidamente local de reunião de amigos, colegas, espaço de paquera. Permanece aberto praticamente 24 horas, sendo mais procurado nas madrugadas do final de semana. Acaba atraindo muito público por conta das bebidas a um preço menor, espaço amplo e ter tudo que precisa em uma emergência. Inclusive existe um “mercadinho” em uma parte, dentro do bar.

Figura 9 - Bar do Waldir



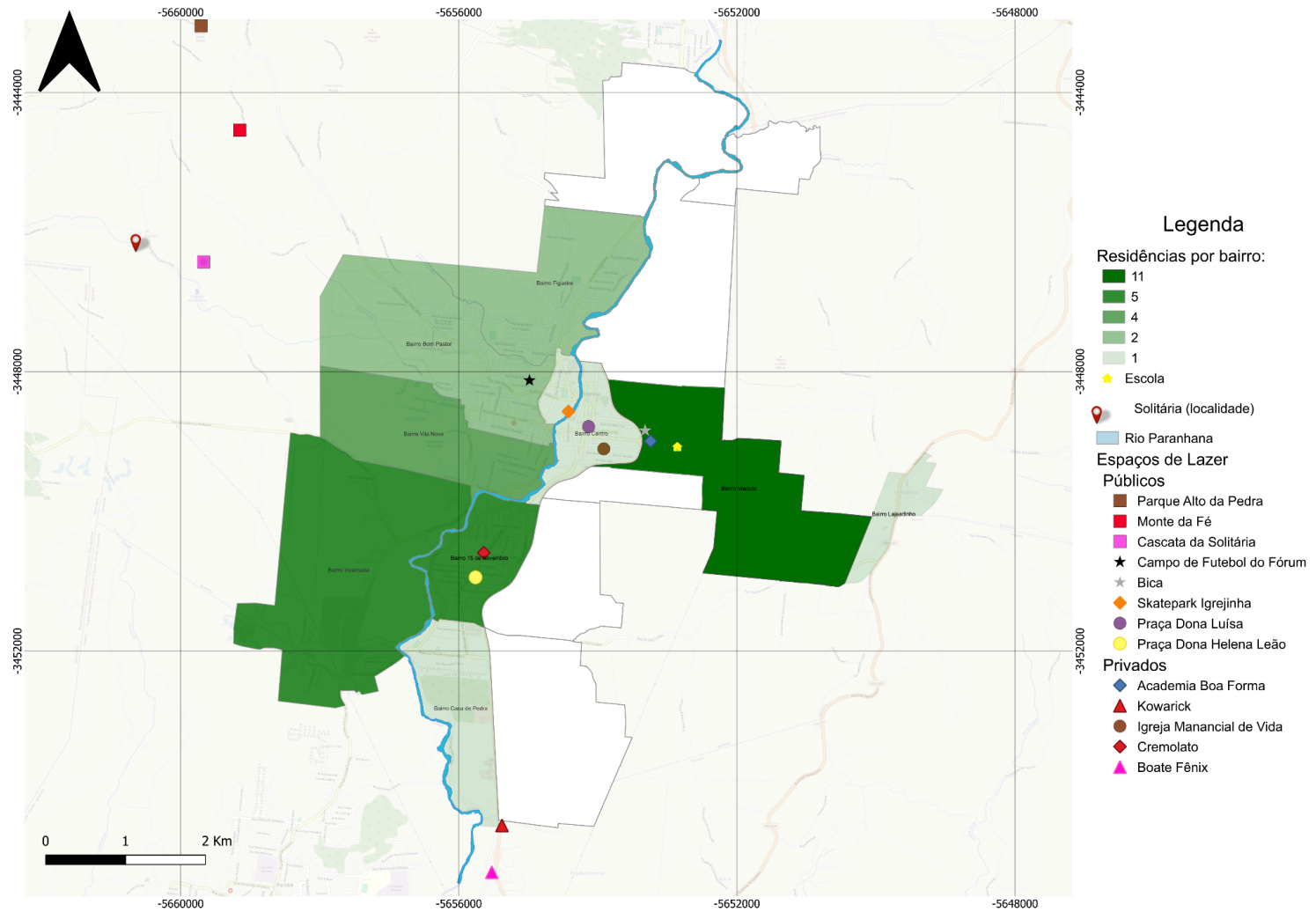
Fonte: Google Maps (2023).

c) escola:

A escola pesquisada é relativamente grande. Contando com salas de aulas, refeitório, quadra, biblioteca, barracão, sala dos professores, salas multimídia. Localizada em um morro, é rodeada por muros, indo de uma esquina até a outra. Atende alunos nos turnos da manhã e noite (Ensino Médio) e tarde (Ensino Fundamental).

Dentro desta lógica, perguntamos aos alunos quais são seus lugares de lazer de preferência dentro do município. Tivemos muitas respostas que traziam a própria casa, quarto. As outras, possíveis de serem localizadas foram organizadas dentro do mapa que se segue.

Mapa 3 - Espaços de lazer preferidos



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Elaboração: do autor (2023).

O Mapa 3 sobrepõe aos dados já evidenciados quanto à moradia dos estudantes, os espaços de lazer elencados. É possível notar uma concentração desses espaços próximos à área central da cidade, somado à sorveteria e Praça Dona Helena Leão que ficam no Bairro XV de Novembro. Entretanto, também foram citados locais fora do limite urbano, voltados ao turismo rural de Igrejinha, como o Parque Alto da Pedra, vulgo Morro da Asa, devido aos voos de asa-delta que saltam de lá. Inclusive, foram citados dois espaços fora do município, pertencentes ao município de Taquara.

Cabe destacar a predominância de espaços públicos nas escolhas citadas, especialmente as praças e campos de futebol. O que pode indicar que estes espaços sejam convidativos para estes jovens, além de possibilitarem opções de lazer sem custo. O que é crucial, pois

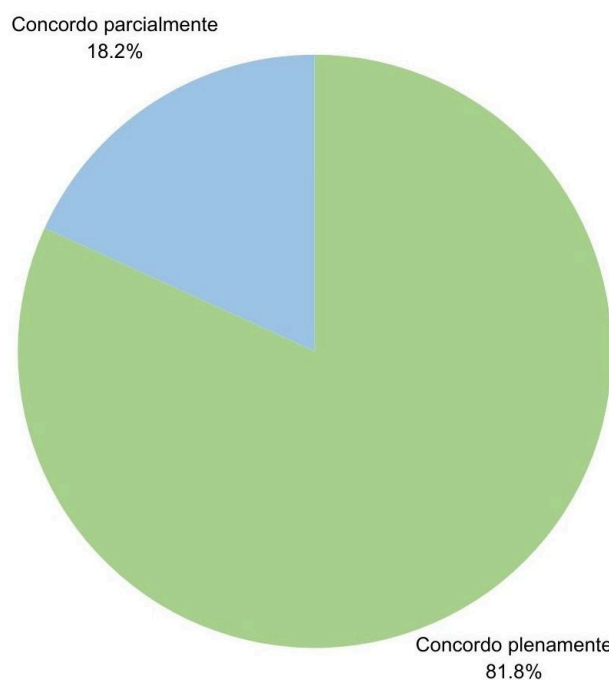
As pesquisas sobre juventude demonstram a necessidade de espaços de lazer, de sociabilidade, onde os jovens possam criar suas linguagens, seus registros de comunicação, para sair do isolamento e enfrentar sua realidade. Um espaço para reunir, trocar experiências é importante porque é no grupo que muitos jovens procuram apoio. (Sales, 2013, p.427).

Ao observarmos a sobreposição de informações, nota-se que grande parte dos espaços de lazer estão relativamente próximos da concentração populacional dos alunos. Mas ao pensarmos nos alunos que moram em locais mais afastados (Sanga Funda - Invernada, Solitária), como eles acessam tais espaços de lazer que se localizam na cidade? Lembrando que Igrejinha não conta com transporte público, sendo assim, tal deslocamento fica a cargo de caminhadas, pedaladas ou através de transporte privado familiar, no caso dos alunos que ainda não dirigem, não possuem CNH.

Retornando às respostas que tiveram “minha casa”, “meu quarto”, como espaço de lazer preferido e a incidência de respostas parecidas no Gráfico 14. Ao que se devem estas respostas? Prevedello *et al.* (2018) encontra um cenário parecido em sua pesquisa sobre jovens de São Borja/RS. Os autores creditam a preferência por estar em casa no tempo de lazer à falta de lazer público oferecida no município em questão e a preferência por permanecerem em seus espaços particulares (Prevedello *et al.*, 2018, p.19). Acredito haver um ponto de intersecção entre as duas pesquisas, pois por mais que tenham sido citados alguns espaços de lazer públicos de Igrejinha pelos respondentes, acredito que ainda falte diversidade e quantidade de opções que possam atrair mais destes jovens escolarizados.

Em contrapartida, os alunos pesquisados claramente gostam da cidade em que residem. Quando questionados quanto ao grau de afirmação sobre Igrejinha ser uma boa cidade para se viver, houve 100% de concordância, dividida entre total e parcial como mostra o Gráfico 15.

Gráfico 15: Escala Likert - “Igrejinha é uma cidade boa para se viver”



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Elaboração: do autor (2023).

Localizada na Região Metropolitana há cerca de 90km de Porto Alegre, Igrejinha desenvolveu-se baseada majoritariamente na indústria calçadista que estava a pleno vapor durante as décadas de 1970-1990, atraindo migrantes de todo o estado e fora dele que vinham em busca de melhores condições de vida junto a promessas de empregabilidade. Com isso, o contingente populacional urbano se tornou continuamente maior, seja pela população rural das novas gerações que aos poucos deixava o campo, seja pelos migrantes que se instalavam próximos às fábricas perto da região central da cidade. Embora tenha sido muito intenso, o processo não foi exclusivo do município, teve respaldo em todo o Vale do Paranhana.

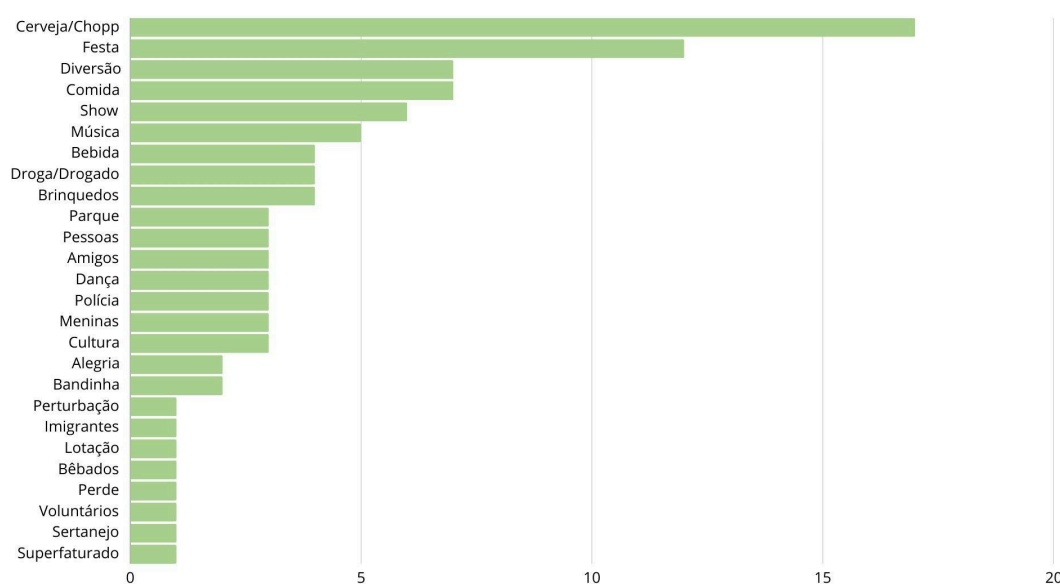
A região, que passou por uma transição econômica acentuada a partir dos anos 1970, partindo de uma base agropecuária familiar para uma economia industrial, demandando mão de obra oriunda da zona rural ou de outros núcleos urbanos, sempre atraiu muitos migrantes (SEPLAN, 2015). De 1970 a 2019 verificou-se um crescimento populacional de 250%, ou seja, a população quase quadruplicou. Mesmo no período de crise (a década entre 1990 e 2000), o VP seguiu atrativo para a migração, em função da forte

presença da indústria coureiro-calçadista e dos empregos dela decorrentes (Bosa; Bugs, 2021, p. 174).

Hoje, segundo o IBGE (2022), Igrejinha tem 32.808 habitantes. O calçado continua ativo mesmo que sem tamanha expressão, presente inclusive nos trabalhos exercidos pelos participantes da pesquisa. Confesso que os dados presentes no Gráfico 14 me causaram surpresa. Justamente pela questão de lazer abordada anteriormente e mais que isso. Antes de me propor a pesquisar juventudes, acreditava no estereótipo de jovens como figuras imaturas, em fase de preparação para a “vida adulta”. Esperava dados totalmente contrários aos coletados. Mas por quê? Sendo um jovem igrejinense que adora residir no município, por que acreditei que outros jovens, escolarizados, não gostariam? Tive o pensamento de que por ser uma cidade pequena com poucas opções de lazer (principalmente noturno), não seria atrativa para os jovens em pauta.

Um dos fatores que contribui para reforçar o gosto por e a identidade de ser igrejinense é a Oktoberfest de Igrejinha. Festa voluntária anual na qual todos os lucros são convertidos para a própria cidade através de investimentos em hospital, escolas. É tradição e marca do município na região até mesmo pela proporção que tomou com atrações nacionais. Neste contexto, perguntamos aos alunos sobre as 3 primeiras palavras que vem à mente a respeito da Oktoberfest.

Gráfico 16: 3 palavras sobre a Oktoberfest



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Elaboração: do autor (2023).

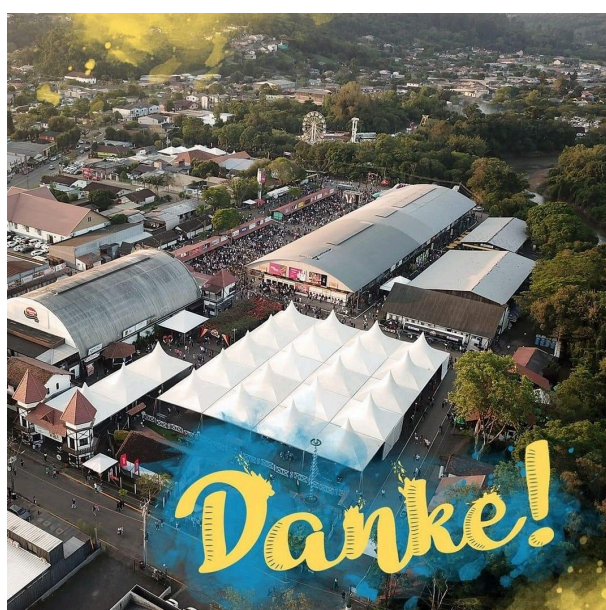
As respostas que prevaleceram foram relacionadas a cerveja/chopp (19,5%; n=17), seguida por festa (13,8%; n=12) e diversão (8%; n=7). Palavras que remetem o imaginário geral sobre a festa, em especial cerveja/chopp pela origem germânica do evento e do próprio município. Na mesma linha temos comida (8%; n=7), show (6,9%; n=6), música (5,7%; n =5). Ao nos atermos nas palavras que apareceram em menor número, é possível perceber menções ao parque de diversão presente na festa: brinquedos (4,6%; n=4). Porém, surgiram palavras que apresentam pontos negativos do evento, como droga/drogado (4,6%; n=4) e bêbados (1,1%; n=1).

Figura 10: Chegada da Carreata do Chopp em Igrejinha.



Fonte: Oktoberfest de Igrejinha (2022).

Figura 11: Parque Almiro Grings durante a festa.



Fonte: Oktoberfest (2023).

Figura 12: Parque de diversão da festa.



Fonte: Igreja Vista de Cima (2023).

Ademais, houve respostas sobre o caráter tradicional da festa. No ano de 2023 a festa comemorou sua 34ª edição contando em todas elas com trabalho voluntário. Segundo Schmidt (2010),

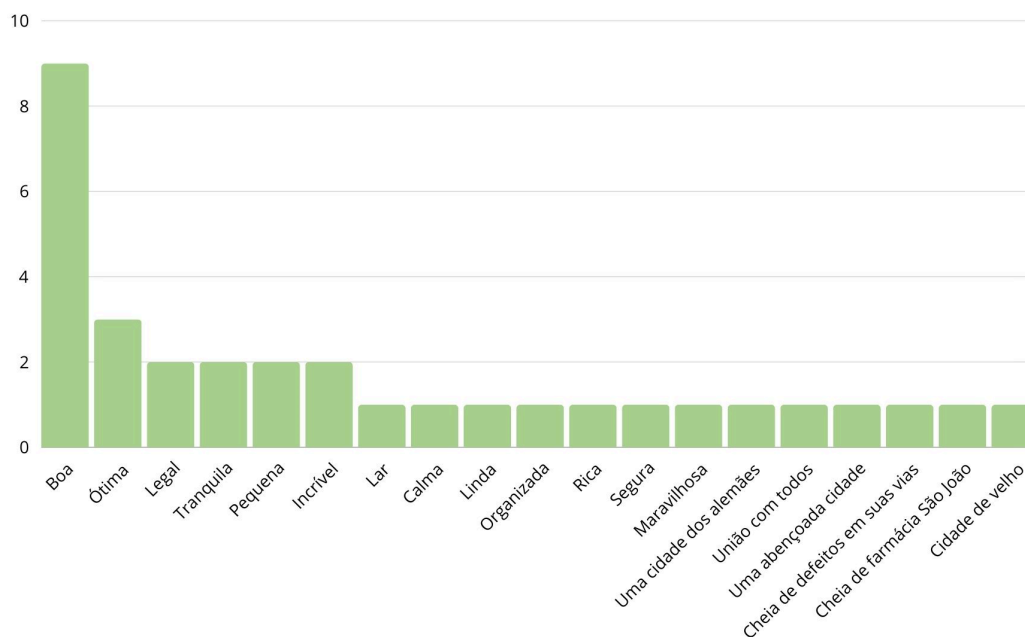
A primeira edição da festa ocorreu em 1988 como uma homenagem às tradições germânicas trazidas através da colonização. Hoje, é considerada um dos maiores eventos culturais do Estado, com repercussão nacional e internacional e recebe cerca de duzentos mil visitantes durante sua programação. Desde 1994, a festa é organizada pela AMIFEST - Associação de Amigos da Oktoberfest de Igrejinha, e envolve aproximadamente três mil voluntários, pessoas da comunidade, que ajudam na organização de todas as atividades ligadas ao evento, desde a organização, decoração, até o atendimento ao público nos diversos setores. Durante mais de uma semana os igrejinhenses mostram para todo o país as suas riquezas culturais, representando e revivendo os costumes dos antepassados (p. 349).

Sendo uma festa marcada por várias gerações, de que forma ela é apresentada e vivenciada por estes jovens? As respostas mostram que indiferente de frequentarem, conhecem, tem opinião sobre a festa. Durante as duas semanas em que acontece, modifica inclusive a rotina dos cidadãos da cidade. O trânsito fica mais lento, as pessoas caminham em direção ao parque com canecas de chopp de alumínio, surgem ônibus de excursões. De que forma os jovens estão inseridos neste cenário? Por coincidência, combinando os dias para aplicar os questionários, a direção da escola me disse que na sexta (20 de Outubro de 2020) não poderia ser,

pelo alto número de ausências - era semana de Oktoberfest. Fica claro que é um evento relevante para os respondentes.

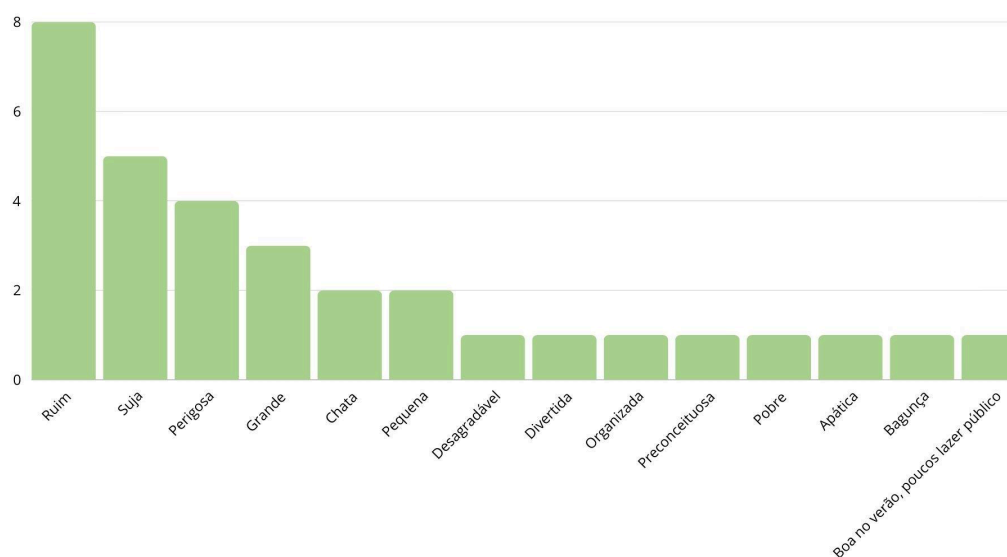
A etapa final da pesquisa foi construída novamente através das antíteses *é/não é*, *tem/não tem*. O enfoque agora era a cidade na qual os participantes vivem diariamente, formando percepções e experiências próprias.

Gráfico 17: Igrejinha é...



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Elaboração: do autor (2023).

Gráfico 18: Igrejinha não é...

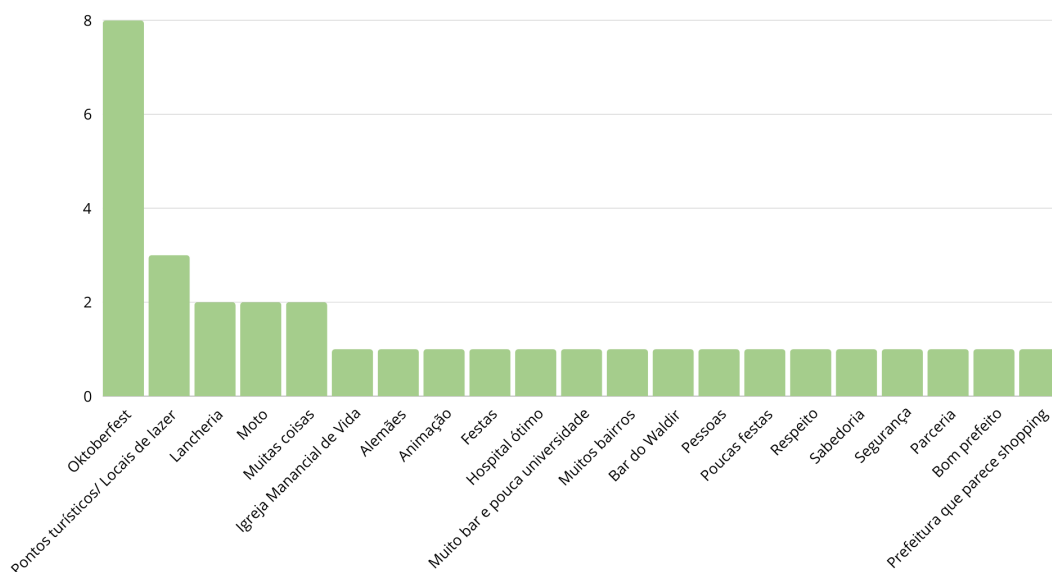


Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Elaboração: do autor (2023).

Em ambos os Gráficos (17, 18) vemos com destaque Igrejinha como uma cidade boa, uma cidade que não é ruim. A maioria das palavras trazem aspectos positivos, a exemplo de ser uma cidade tranquila, calma, linda, segura, maravilhosa. O mesmo se repete quando é colocada como uma cidade que não é perigosa, suja, desagradável. Entretanto, nem tudo são flores. A má qualidade das vias, não ser divertida, cidade de velho, foram atributos também dados. Interessante refletir sobre o que configura Igrejinha como uma cidade de velho na visão deste aluno. Talvez pelo fato de não ter bagunça, ou pela falta de lazer (acredito que públicos) no verão, indicadas por outras respostas. Aqui é possível perceber que estas juventudes estabelecem padrões do que se espera na velhice, de forma semelhante ao que fazem com eles na posição de jovens.

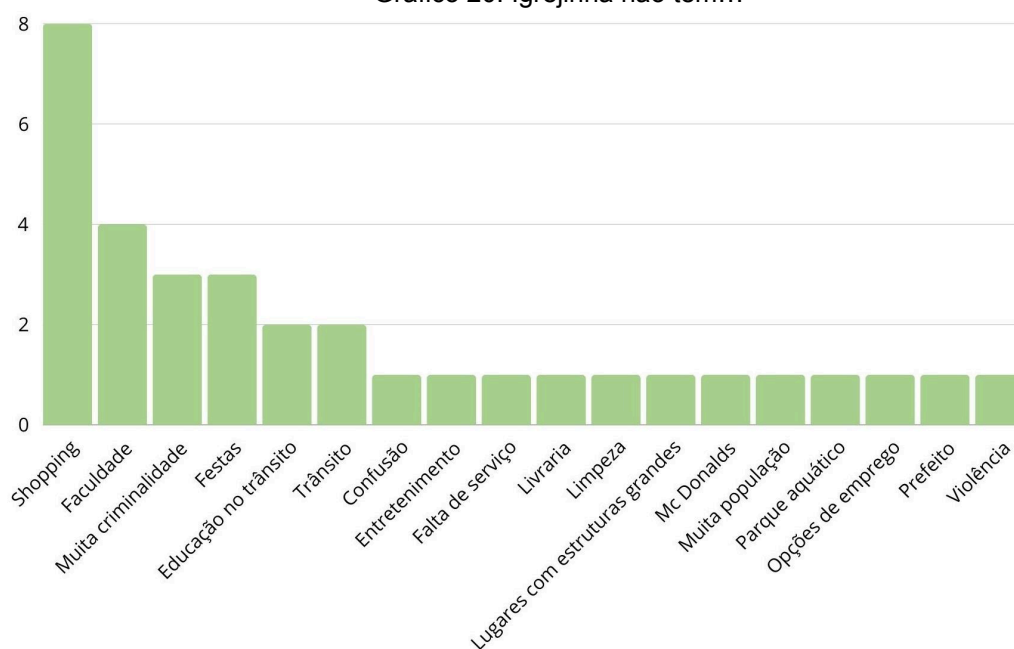
Uma das respostas destaca a quantidade de farmácias São João na cidade. Verdade, pois Igrejinha é pequena, mesmo assim conta atualmente com quatro farmácias desta rede. Mais do que entrar no mérito de motivos de tal presença, é válido notarmos a consciência que os estudantes têm da própria cidade, o modo que percebem as mudanças que vão acontecendo. Em consonância, no Gráfico 18 há uma discordância sobre o tamanho da cidade, não ser grande ou não ser pequena. Com base nisso, se deixássemos de lado as classificações de porte por número de habitantes, a percepção de ser uma cidade grande ou não, se torna subjetiva. Em outras palavras, esses jovens provavelmente sabem que moram em uma cidade pequena. Mas o fato de apontarem que ela não é pequena, mostra que a percepção deles daquele espaço é diferente dos que concordaram sobre ser uma cidade pequena.

Gráfico 19: Igrejinha tem...



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Elaboração: do autor (2023).

Gráfico 20: Igrejinha não tem...



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Elaboração: do autor (2023).

Ao analisarmos os gráficos tem/não tem, vemos coisas que os alunos destacam sobre a sua cidade, como a Oktoberfest, espaços de lazer, lancheria, bares. Por outro lado, também utilizam-se das perguntas para apontar o que mais sentem falta ou tecer críticas. Assim, daremos ênfases a algumas ausências que nos cabe fazermos uma análise mais detalhada.

a) Igrejinha não tem... shopping /entretenimento/parque aquático

Aqui podemos notar uma união de respostas que destacam a falta de mais espaços de lazer na cidade. O Shopping em específico foi o mais citado (23,5%; n=8), é válido questionarmos o porquê disto. Será que estes alunos frequentam shoppings em cidades maiores como Novo Hamburgo, Caxias do Sul, ou até mesmo Porto Alegre? Ou será que não frequentam por conta da distância do seu município e justamente por isso sentem falta de opção parecida em sua cidade?

b) Igrejinha não tem... faculdade

Realmente não tem. O fato de ter sido citado repetidamente pode indicar a falta e dificuldade de acesso destes jovens ao ensino superior. Embora existam a Faculdades Integradas de Taquara/RS (FACCAT) que fica no município vizinho e a FEEVALE em Novo Hamburgo, são duas faculdades privadas. Lembrando que para estes jovens interioranos as universidades públicas não são, muitas vezes, nem apresentadas como possibilidades. De mesmo modo, nem sempre são situados sobre a existência de programas que permitam o acesso gratuito ao ensino superior, tal qual PROUNI e SISU.

c) Igrejinha não tem... falta de serviço/opção de emprego

Pode parecer contraditório as duas afirmações trazidas pelos alunos. Porém não o são. Igrejinha, principalmente por conta da indústria calçadista, emprega 39,4% de sua população total (IBGE, 2022). Quando falam em falta de “opção de emprego” estes jovens devem se referir às opções limitadas que temos no município, limitando-se quase exclusivamente a postos comerciais ou dentro da indústria.

Vemos que as juventudes pesquisadas percebem e vivem a cidade de formas diferentes, inclusive gerando contradição entre seus pares. O espaço urbano é parte constituinte de suas vidas, mesmo para os que moram na área rural do município. Gostam da cidade em que residem, ficando claro pela quantidade de pontos positivos elencados. O que não exclui a visão crítica que apresentaram ao apontarem a falta de shopping e faculdade, entre outros. Tais questões devem ser trazidas para as aulas de Geografia, os estudantes têm muito a contribuir na construção de um ensino mais significativo que parta do aluno.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho desenvolvemos um estudo sobre as juventudes escolarizadas de Igrejinha, Rio Grande do Sul. De início, buscamos apresentar a temática, construir uma base teórica para situar o leitor e apresentar as motivações para pesquisar juventudes dentro do recorte em questão. Ao contribuir, de forma modesta, para o preenchimento de uma lacuna acadêmica de trabalhos sobre juventudes em cidades pequenas do estado, o trabalho também satisfaz uma vontade daquele que escreve ao poder pesquisar sobre juventudes de sua cidade de origem. Assim, partimos para uma retomada teórica.

Existem diferentes concepções sobre as juventudes. Podemos afirmar que estão longe de serem uma massa unificada de sujeitos, pois carregam vivências e percepções únicas enquanto jovens. Embora sejam idealizadas pela sociedade, são constantemente marginalizadas dos poderes políticos e econômicos, assim como são as que mais sofrem com as mudanças no mercado de trabalho brasileiro, marcado pela gradativa precarização. Por outro lado, o acesso ao ensino básico obrigatório tem crescido entre as classes populares graças a políticas públicas. Fato que trouxe toda uma parcela da juventude que ficava aquém do direito a estudar, fazendo com que a escola tenha que se readaptar às novas realidades. Neste contexto, a Geografia tem papel de construir uma nova forma de (re)ver os acontecimentos do cotidiano desses estudantes, tendo seus conceitos à serviço do desenvolvimento do raciocínio geográfico para dentro da vida fora dos muros escolares também.

Além disso, a escola continua sendo espaço crucial para a socialização das juventudes, acumulando papéis para além do perfil educativo. Outro palco para as ações sociais dos jovens está na cidade, é por meio dela que eles transitam diariamente, formando experiências, atuando no espaço urbano e sendo influenciados por ele. Da mesma forma, é na cidade que ficam explicitados os privilégios e desigualdades: o lazer (ou a falta dele), as violências, as diversidades. São fatores de atração e repulsão das juventudes, segregando de acordo com classe, etnia, gênero. E assim moldando a visão social destes jovens.

A metodologia da pesquisa foi baseada na aplicação do questionário, tendo possibilitado coletar um número considerável de respostas e, conseqüentemente, de diferentes percepções sobre as mesmas perguntas. O estudo teve caráter

quantitativo e descritivo ao analisar um grupo, tecendo relações entre os pesquisados, a escola e a cidade. Assim como, é um estudo de caso na medida em que pesquisou especificamente jovens voluntários do Ensino Médio da rede estadual do município de Igrejinha. Nosso principal objetivo foi analisar as relações dos jovens igrejinhenses escolarizados com a sua escola e cidade, dividindo o processo em três eixos que acompanharam os objetivos específicos definidos, sendo eles: Juventudes, Juventudes e a escola, Juventudes e a cidade.

As juventudes participantes do estudo tinham idades entre 16 e 20 anos, sendo que a maior parte trabalhava e pertencia ao turno noturno. Dentre os 91% que trabalhavam, o comércio se destacava dentro do setor de serviços e funções no setor calçadista dentro da indústria. Quanto as etnias, vemos predominância de pessoas brancas, seguidos por pretos e pardos. Já na divisão por gênero, despontam o masculino e feminino, mas em menor número aparecem bigênero e gênero fluído. Pode-se notar a diversidade da amostra de estudo em vários aspectos, o que se reflete igualmente nos bairros de moradia dos estudantes, sendo a maioria do Bairro Viaduto (no qual se localiza a escola), porém contando com alunos de vários outros bairros, inclusive do interior como a localidade de Solitária.

Foram trazidas diferentes perspectivas sobre o que é ser jovem pelos alunos, entre elas encarar a juventude como fase de curtição, de aprendizados, de preparação e de responsabilidades. Partindo destas diferentes percepções sobre as juventudes, a maioria se considera jovem associando tal fato à viver experiências e se preparar para o futuro. As principais formas de lazer apontadas envolvem socialização entre familiares e amigos, tecnologias vinculadas ao consumo de mídias digitais (assistir filmes, séries, mexer no celular) e atividades físicas. Sobre os espaços nos quais acontecem majoritariamente suas relações sociais, a escola aparece em primeiro lugar, acompanhada por família e trabalho.

Ao longo da pesquisa ficou evidente a importância do espaço escolar para as juventudes pesquisadas. Veem na escola aprendizado, amizade, acolhimento. Representa o futuro, indicada como fundamental. Notou-se que o papel da escola na vida dos sujeitos vai muito além do aspecto de ensino e educação. Carrega também funções cruciais relacionadas a socialização e alimentação dos alunos, através da merenda escolar. Embora tenham apontado pontos a melhorar na escola em que estudam, tal qual os telhados ruins, são muitos os pontos positivos elencados: bons

professores, família, agradável. Justificando o porquê de praticamente todos afirmarem gostar de estudar lá.

No que tange a relação com a cidade, os espaços públicos são os mais procurados para lazer, praças e campos de futebol em especial. O Centro da cidade é um dos lugares mais frequentados, muito provavelmente pela concentração de serviços e de lazer noturno marcado por lancherias e bares. A Oktoberfest, festa comunitária que acontece anualmente no município, é relevante para as juventudes pesquisadas, apresentada como espaço de diversão, de consumo de comidas e bebidas alcólicas. De forma geral, Igrejinha é um bom lugar para viver na visão das juventudes, marcado principalmente pela calma e tranquilidade.

Para além dos resultados, o processo de escrita foi de grande valia para enxergar a pesquisa como algo viável, tangível para mim. Sempre tive no imaginário que ser pesquisador, conseguir escrever e organizar um trabalho científico era de outro mundo, distante das minhas possibilidades e capacidade. Conforme se desenvolvia o presente trabalho, percebi que este medo que tinha não se justifica. Embora seja complexo, trabalhoso, é deveras prazeroso se encontrar dentro do texto e poder pesquisar uma temática que me identifique e tenho vontade de escrever. Acabei construindo novos olhares sobre a cidade em que cresci e resido, através das lentes das juventudes que toparam me ajudar nesta jornada.

Ao longo da pesquisa tivemos alguns percalços. Em primeiro lugar coloco o prazo apertado. Devido ao calendário da UFRGS estar dessincronizado em relação ao da escola, tivemos que apressar a elaboração e aplicação do questionário antes que os alunos entrassem na fase final do ano marcada por provas finais e recuperações. Elenco na sequência a relativa baixa participação dos alunos, perto do esperado. Felizmente, os estudantes do noturno toparam participar em peso, talvez por conta do auxílio da direção em encontrar voluntários para o estudo. Somaram-se as minhas dificuldades pessoais, entre as quais destaco tentar equilibrar a rotina de trabalho, estudante, pesquisador e as responsabilidades domésticas. Foi complicado manter a disciplina para manter regularidade na escrita, lutando contra a procrastinação.

Com os resultados obtidos ao longo do trabalho, ficam abertas às possibilidades de continuidade que explorem novas temáticas, permitindo até análises de áreas mais amplas e pesquisas mais prolongadas. Assim, há espaço

para novas pesquisas sobre as juventudes igrejinenses sob outros enfoques, aprofundando inclusive alguns aqui contidos, como a questão do lazer juvenil, deslocamento e apropriação do espaço urbano. Sem as possibilidades, entretanto, se limitarem à Igrejinha. Devido aos baixos números populacionais, podem ser desenvolvidas pesquisas relacionando juventudes as escolas e cidades dentro do Vale do Paranhana como um todo.

Por outro lado, há lacunas para serem preenchidas de trabalhos com temáticas semelhantes a presente em outras regiões e municípios do Rio Grande do Sul. Inclusive em municípios mais distantes da capital, fora da região metropolitana. São infinitas possibilidades, o que é deveras positivo na medida em que o desenvolvimento científico continue evoluindo na região, estado e país.

Conhecer as juventudes que iremos conviver na posição de professores e professoras é fundamental para construir um ensino significativo, dotado de sentido para os alunos e para docentes, em uma relação de aprendizado para ambos. Neste contexto a Geografia Escolar tem muito para contribuir na medida em que pode trazer as vivências destas juventudes para dentro das temáticas trabalhadas em aula, explorando conceitos geográficos tendo como ponto de partida o cotidiano dos jovens estudantes. Como futuro professor de Geografia, entendo como é crucial estar aberto para o que as juventudes têm a nos dizer. Sempre crente no potencial transformador da educação e na imprescindibilidade da Ciência Geográfica na Educação Básica.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Poliane Silva. **A relevância da merenda escolar na aprendizagem dos educandos**. 2018. 50 f. Monografia de Especialização - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/22086/1/relevanciamerendaescolaraprendizagem.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2023.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002. 229 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7684991/mod_resource/content/1/BARDIN_L_1977_Analise_de_conteudo_Lisboa_edicoes_70_225.20191102-5693-11evk_0e-with-cover-page-v2.pdf. Acesso em: 6 nov. 2023.
- BOSA, Rafael.; BUGS, Geisa Tamara. A INDÚSTRIA COUREIRO-CALÇADISTA E A CONFIGURAÇÃO DA ESTRUTURA URBANA DO VALE DO PARANHANA. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 17, n. 3, p. 172-187, set./dez. 2021. DOI: 10.54399/rbgdr.v17i3.6453. Disponível em: <https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/6453>. Acesso em: 30 dez. 2023.
- BRAGA, Elisângela Maia *et al.* SAÚDE DO ESCOLAR: A ALIMENTAÇÃO ESCOLAR E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O APRENDIZADO. *In*: BRASIL, Carla Cristina Bauermann; TREPTOW, Taísa Ceratti. **NUTRIÇÃO E SAÚDE PÚBLICA: PESQUISAS EMERGENTES EM PRODUÇÃO E CONSUMO DE ALIMENTOS**. Guarajá: Editora Científica Digital Ltda., 2021. cap. 8, p.109-115. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/artigos/saude-do-escolar-a-alimentacao-escolar-e-sua-contribuicao-para-o-aprendizado>. Acesso em: 21 jan. 2024.
- BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico de 2022**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 2 nov. 2023.
- BRASIL. IPEA. **Atlas da violência: Juventudes perdidas**. 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/filtros-series/2/juventude-perdida%3E>. Acesso em: 12 out. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília, 5 ago. 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 09 out. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017**. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e as Leis nº 6.019, de 3 de janeiro de 1974, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 8.212, de 24 de julho de 1991, a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. Diário Oficial República Federativa do Brasil. Brasília, 14 jul. 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ ato2015-2018/2017/lei/113467.htm. Acesso em: 12 jan. 2024.

BRASIL. MEC. **Dúvidas sobre o PROUNI**. Disponível em: <https://acessounico.mec.gov.br/prouni/duvidas#o-prouni>. Acesso em: 12 de jan. 2024.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/coronavirus>. Acesso em: 12 jan. 2024.

BRASIL. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/8ff41004968ad36306430c82eece3173.pdf. Acesso em: 11 dez. 2023.

BRASIL. **RESOLUÇÃO Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016**. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2023.

BRASIL. SENAPPEN. **RELATÓRIO DE INFORMAÇÕES PENAIS - RELIPEN**. 1º Semestre - 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/senappen/pt-br/servicos/sisdepen/relatorios/relipen/relipen-1-sem-estre-de-2023.pdf>. Acesso em: 28 out. 2023.

CAMPOS, Emerson Araújo de; COUTO, Ana Cláudia Porfírio; RODRIGUES, Mauro Costa. A Produção do Conhecimento sobre a Temática Lazer e Juventude na Revista Licere (1998-2020). **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p. 119–141, 2021. DOI: 10.35699/2447-6218.2021.36294. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/36294>. Acesso em: 12 jan. 2024.

CASSAB, Clarice. PENSANDO JUVENTUDES E CIDADE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE JOVENS COTISTAS. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **GEOGRAFIAS DAS JUVENTUDES**, Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p.77-108. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256855>. Acesso em: 14 out. 2023.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens escolares e a cidade: concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. especial, n. 35, p. 74–86, 2013. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/2171>. Acesso em: 27 ago. 2023.

CAVALCANTI, Lana de Souza. JUVENTUDES, ENSINO DE GEOGRAFIA E FORMAÇÃO/ATUAÇÃO CIDADÃS. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **GEOGRAFIAS DAS JUVENTUDES**, Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p.155-180. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/256855>. Acesso em: 10 out. 2023.

CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston. O QUESTIONÁRIO NA PESQUISA CIENTÍFICA. **Administração on line**, São Paulo, v. 1, n. 1, 2000. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1255609/mod_resource/content/0/O_questionari_ona_pesquisacientifica.pdf. Acesso em 3 nov. 2023.

CORROCHANO, Maria Carla. CONDIÇÃO JUVENIL, TRABALHO E AÇÕES COLETIVAS: NOTAS A PARTIR DO CONTEXTO PANDÊMICO. *In*: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **DEBATES SOBRE JUVENTUDES**. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p. 48-70. Disponível em:

<https://publicacoes.even3.com.br/book/debates-sobre-juventudes-1489275>. Acesso em: 28 out. 2023.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, 2007.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 out. 2023.

DURAND, Olga Celestina; SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. Experiências educativas da juventude: entre a escola e os grupos culturais. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v.20, n. especial, p. 163-181, jul./dez. 2002. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10283/9554>. Acesso em: 18 dez. 2023.

FEIXA, Carles *et al.* Culturas juvenis e temas sensíveis ao contemporâneo: uma entrevista com Carles Feixa Pampols. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, p.311-325, jul./ago. 2018. DOI: 10.1590/0104-4060.58145. Disponível em:

<http://educa.fcc.org.br/pdf/er/v34n70/0104-4060-er-34-70-311.pdf>. Acesso em: 9 out. 2023.

FERREIRA, Nicole dos Santos. JUVENTUDES NEGRAS E VIOLÊNCIAS: UM CENÁRIO DE GENOCÍDIO. *In*: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.); PIMENTA, Melissa de Mattos (org.). **JUVENTUDES E TERRITÓRIOS**. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p. 145-154. Disponível em:

<https://publicacoes.even3.com.br/book/juventudes-e-territorios-1986815>. Acesso em: 14 out. 2023.

FERNANDES, Daniela. GÊNERO E JUVENTUDES. *In*: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.); PIMENTA, Melissa de Mattos (org.). **JUVENTUDES E TERRITÓRIOS**. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p. 55-66. Disponível em:

<https://publicacoes.even3.com.br/book/juventudes-e-territorios-1986815>. Acesso em: 14 out. 2023.

FRANÇA, Vera; DORNELAS, Raquel. No bonde da ostentação: o que os "rolezinhos" estão dizendo sobre os valores e a sociabilidade da juventude brasileira?. **REVISTA ECOPOS**, [S.I.], v. 17, n. 3, 2014. Disponível em:

https://ecopos.emnuvens.com.br/eco_pos/article/view/1384/2531. Acesso em: 12 jan. 2024.

GAMALHO, Nola Patrícia. JUVENTUDES E AS PERIFERIAS. *In*: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **GEOGRAFIAS DAS JUVENTUDES**, Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p.39-60. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256855>. Acesso em: 14 out. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IGREJINHA VISTA DE CIMA. **Último dia de Oktoberfest!!!**. Igrejinha, 29 out. 2023. Instagram: @igrejinha_vista_de_cima. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CzASz6hMeqH/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. MECANISMOS EFICIENTES NA PRODUÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR DE JOVENS NEGROS: ESTEREÓTIPOS, SILENCIAMENTO E INVISIBILIZAÇÃO. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.34, e167901, Belo Horizonte, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698167901>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/rzs7bGtj4LKQSCkqz8rMdvD/#>. Acesso em: 26 dez. 2023.

LADEIRA, Francisco Fernandes. Impactos das tics no trabalho do professor de geografia e na construção do conhecimento geográfico pelo aluno. **Anais do XIV ENANPEGE**. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/77686>. Acesso em: 29 out. 2023.

LEFEVBRE, Henri. **O DIREITO À CIDADE**. 5. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Centauro, 2011. 143 p. Disponível em: https://monoskop.org/images/f/fc/Lefebvre_Henri_O_direito_a_cidade.pdf. Acesso em 12 jan. 2024.

LEMUS, Maria de La Luz Arriaga. Democratização da educação. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Maria Cancelli; VIEIRA, Livia Maria Fraga. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. Disponível em: <https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/380-1.pdf>. Acesso em: 29 out. 2023.

LIMA, Maria do Socorro Berra; MOREIRA, Érika Vanessa. A PESQUISA QUALITATIVA EM GEOGRAFIA. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v.2, n.37, p. 27-55, ago./dez. 2015. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/4708>. Acesso em: 2 de nov. 2023.

MAIA, Aline. **“No passinho da nova classe média”**: Notas para um estudo sobre **comunicação, juventude, periferia e consumo**. In: Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, XIX., 2014, Vila Velha. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1363-1.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2024.

MARTINS, Lucivando Ribeiro; SALES, Celecina de Maria Veras. “PELAS QUEBRADAS, VÁRZEAS E CHAPADAS”: A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE TERRITÓRIOS DE SABERES JUVENIS GAYS NAS ESCOLAS DO PIAUÍ. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.); PIMENTA, Melissa de Mattos (org.). **JUVENTUDES E TERRITÓRIOS**. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p. 103-128. Disponível em:

<https://publicacoes.even3.com.br/book/juventudes-e-territorios-1986815>. Acesso em: 14 out. 2023.

MENDES, Vinicius; COSTA, Carmem Lúcia. TERRITÓRIOS JUVENIS E A RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO - UM ESTUDO A PARTIR DO MOVIMENTO BATALHA DO SETOR EM CATALÃO(GO). In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.); PIMENTA, Melissa de Mattos (org.). **JUVENTUDES E TERRITÓRIOS**. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p. 183-212. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/juventudes-e-territorios-1986815>. Acesso em: 14 out. 2023.

NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz; SANTOS, Thales do Amaral. Juventudes, sexualidade e diversidades. In: LEAL, Álida *et al*(org.). **Juventude brasileira e educação**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2021. Disponível em: <https://observatoriodajuventude.ufmg.br/wp-content/uploads/2022/10/Juventudes-sexualidade-e-diversidades.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2023.

NOVAES, Regina Célia Reyes et al. Juventudes, educação, política e violência: uma entrevista com Regina Novaes. **Educar em Revista**, v. 37, e71209, ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.71209>. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-40602021000100502&script=sci_arttext. Acesso em: 9 out. 2023.

OKTOBERFEST DE IGREJINHA. **ANUNCIAMOS: A 34ª Oktoberfest de Igrejinha teve recorde de público! Fizemos história, Oktoberfesteiros**. Igrejinha, 23 nov. 2023. Instagram: @oktoberfest_igrejinha. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cz_gw_uL6VJ/. Acesso em: 11 jan. 2024.

OKTOBERFEST DE IGREJINHA. **Carreata do Chopp**. Igrejinha, RS: 13 out. 2022. Disponível em: <https://www.oktoberfest.org.br/galeria/carreata-do-chopp>. Acesso em: 11 jan. 2024.

OKTOBERFEST DE IGREJINHA. **Uma festa de voluntários**. Igrejinha, RS: 2023. Disponível em: <https://www.oktoberfest.org.br/a-oktober#voluntarios>. Acesso em: 11 jan. 2024.

OLIVEIRA, Ivanesa Angelina; Röwer, Joana Elisa. A SOCIALIZAÇÃO JUVENIL NO ESPAÇO ESCOLAR. **Revista de Ciências Humanas**, Frederico Westphalen, v. 21, n.2, p. 62-76, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/view/3297>. Acesso em: 12 jan. 2024.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. ESTADO DA ARTE DE PUBLICAÇÕES SOBRE JUVENTUDES E EDUCAÇÃO EM REVISTAS A2 DE UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 28, n.4, p. 317-342, out./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v28n4.202168>. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/16151>. Acesso em: 7 jan. 2024.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. GEOGRAFIAS DAS JUVENTUDES: A CONSTRUÇÃO DO ESTADO DA ARTE NA PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA. **Para Onde?**, Porto Alegre, v. 17, n.2, p. 68-78, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-0003.130242>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/130242>. Acesso em: 7 jan. 2023.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Jovens olhares sobre a cidade: lugares e territórios urbanos de estudantes porto-alegrenses**. Tese de Doutorado – PUC RS. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/16611/1/000498041-Texto%2Bcompleto-0.pdf>. Acesso em: 29 out. 2023.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Juventudes e Educação: estado da arte de publicações em revistas A1 de universidades federais brasileiras (2010 – 2019). **Revista Educar Mais**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 358–372, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/2279>. Acesso em: 10 out. 2023.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Somos jovens: o ensino de Geografia e a escuta das juventudes**. Mestrado em Geografia – UFRGS. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/128887>. Acesso em: 19 de dez. 2023.

PAIS, José Machado *et al.* Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em educação – uma entrevista com José Machado Pais. **Educ. Rev.**, Curitiba, v. 33, n. 64, p. 301-313, abril/jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/50119/>. Acesso em: 9 out. 2023.

PEDROSO, Júlia de Souza et al. PESQUISA DESCRITIVA E PESQUISA PRESCRITIVA. **REVISTA JICEX**, v. 9, n. 9, 2017. Disponível em: <https://unisantacruz.edu.br/revistas-old/index.php/JICEX/article/view/2604>. Acesso em: 2 de nov. 2023.

PETRÓ, Sandro Monticelli. **ESCUTAR AS JUVENTUDES PARA PRESERVAR A NATUREZA: ESTADO DA ARTE DAS PUBLICAÇÕES NACIONAIS DE PÓS-GRADUAÇÃO SOBRE JOVENS E MEIO AMBIENTE**. Trabalho de Conclusão de Curso - UFRGS. Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257359/001167184.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 jan. 2024.

PREVEDELLO, Tatiana. São Borja vista pelos jovens: percepções urbanas e culturas juvenis. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 11-21, jan./jul. 2018. DOI: 10.22456/2595-4377.82699. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/82699>. Acesso em: 30 dez. 2023.

REIS, Rosemeire. Juventudes no ensino médio: os sentidos atribuídos à escola e aos planos de futuro. **Latitudes**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 131-155, jul./set. 2012. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/858>. Acesso em: 20 dez. 2023.

ROLLSING, Carolina Bernardes. Cultura juvenil, território e trabalho: olhares sobre a noite no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.); PIMENTA, Melissa de Mattos (org.). **JUVENTUDES E TERRITÓRIOS**. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p. 27-38. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/juventudes-e-territorios-1986815>. Acesso em: 09 out. 2023.

VERAS SALES, Celecina de Maria . JUVENTUDES E LAZER: interações e movimento. **Linguagens, Educação e Sociedade**, [S. l.], n. 29, p. 413-438, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/1356>. Acesso em: 30 dez. 2023.

SALES, Shirlei Rezende; SILVA; Luiza Cristina Silva. Juventudes e relações de gênero. In: LEAL, Álida *et al*(org.). **Juventude brasileira e educação**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2021. Disponível em: <https://observatoriodajuventude.ufmg.br/wp-content/uploads/2022/10/Juventudes-e-relacoes-de-genero-1.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2023.

SALVI, Bruno Fantin. **PARA ALÉM DA PRAÇA!: a Batalha do Vale e a educação das juventudes na cidade de Presidente Prudente (SP)**. Mestrado em Geografia – UNESP. Presidente Prudente, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/099c808c-4dbe-4721-a8e7-f9bfe9958c15>. Acesso em: 12 de jan. 2024.

SANTOS, Gabriela Borba Bispo dos. **SER JOVEM, SER MULHER, SER NEGRA, SER PROFESSORA DE GEOGRAFIA: AS JOVENS LICENCIANDAS NEGRAS EM GEOGRAFIA E SUA FORMAÇÃO**. Trabalho de Conclusão de Curso - UFRGS. Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://repositorioceme.ufrgs.br/handle/10183/264367>. Acesso em: 14 nov. 2023.

SCHWERTNER, Suzana Feldens; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 395-420, mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/QrcDs3KMFwyL4Csb6n8TQLJ/?lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2024.

SILVA, Tales Rodolfo Ferreira Da. **PRÁTICA ESPORTIVA E SOCIALIZAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE OS PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO A PARTIR DO FUTSAL FEMININO NO MUNICÍPIO DE SUMÉ-PB**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Campina Grande. Súme, 2023. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/5766/TALES%20RODOLFO%20FERREIRA%20DA%20SILVA%20-%20TCC%20CI%20c3%8aNCIAS%20OCIAIS%20CDSA%202014..pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 2 jan. 2024.

TOMMASI, Livia de; CORROCHANO; Maria Carla. Do qualificar ao empreender: políticas de trabalho para jovens no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 99, p. 353-71, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/7gJR8dVYp3WdpCy8hPnNMdF/>. Acesso em: 11 dez. 2023.

VALENZUELA José Manuel Arce. **Trazos de sangre e fuego: bionecropolítica e juvenicídio en América Latina**. 1. ed. Guadalajara: Calas, 2019. 128 p. Disponível em:

http://www.calas.lat/sites/default/files/valenzuela_trazos_de_sangre_y_fuego_0.pdf.

Acesso em: 14 nov. 2023.

VERNEQUE, Dayane Oliveira. JUVENTUDES E TERRITÓRIOS COMO CAMPOS DE DISPUTA: UMA LEITURA GEOGRÁFICA. *In*: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.); PIMENTA, Melissa de Mattos (org.). **JUVENTUDES E TERRITÓRIOS**. Porto Alegre: GEPJUVE, , 2023. p. 87-102. Disponível em:

<https://publicacoes.even3.com.br/book/juventudes-e-territorios-1986815>. Acesso em:

14 out. 2023.

ANEXO A - Questionário

Prezado/a jovem:

Chamo-me Rafael Henke e sou estudante de Graduação em Geografia na UFRGS. Você está sendo convidado a participar da pesquisa “JUVENTUDES IGREJINHENSES ESCOLARIZADAS: ENTRE A ESCOLA E A CIDADE”. Gostaria muito de sua ajuda, respondendo o presente questionário. Sua colaboração é muito importante!

Ao responder este questionário, você está colaborando com o avanço da pesquisa no Brasil e abrindo possibilidades para novas maneiras de pensar a juventude. Igualmente, após as assinaturas dos Termos de Consentimento e Assentimento, concorda que suas respostas sejam utilizadas para fins dessa pesquisa. Você não será identificado.

Muito obrigado pela sua ajuda!

a. Idade:

- 16 anos 18 anos Outra. Qual? _____
 17 anos 19 anos

b. Gênero:

- Feminino
 Masculino
 Outro. Qual? _____
 Prefiro não dizer

c. Qual a sua etnia?

- Branca
 Negra
 Parda
 Indígena
 Amarela

d. Mora em Igrejinha?

- Sim. Em qual bairro? _____
 Não. Em qual cidade? _____

e. Turno de estudo:

- Manhã Noite

f. Você trabalha?

- Sim. Com o quê? _____ Não

PARTE 1 - SOBRE VOCÊ

1. Para você, o que é ser jovem?

2. Você se considera jovem? Por quê?

3. Assinale seu grau de concordância com a seguinte afirmação: “Jovens são imaturos e não estão preparados para as responsabilidades da vida adulta”.

- a) concordo plenamente
- b) concordo parcialmente
- c) nem concordo, nem discordo
- d) discordo parcialmente
- e) discordo plenamente

4. Cite 3 atividades que você gosta de fazer com seu tempo livre:

5. Onde se dá o seu relacionamento com as pessoas? (Assinale até duas opções)

- maior parte na escola
- maior parte na internet
- maior parte na rua/bairro/condomínio
- maior parte em casa com a família
- outro. Qual? _____

PARTE 2 - SOBRE SUA ESCOLA

6. Quais as 3 primeiras palavras que vêm a sua mente quando pensa em sua escola?

7. Quais os espaços do Bertha você mais frequenta?

8. O que a escola/educação representa em sua vida?

9. Você gosta de estudar no Bertha? Por quê?

10. Complete as frases com uma palavra ou expressão curta:

O Bertha é...	
O Bertha não é...	
No Bertha tem...	
No Bertha não tem...	

PARTE 3 - SOBRE A CIDADE

11. Quais são os 3 espaços que você mais frequenta em Igrejinha?

12. Qual é seu espaço de lazer preferido em Igrejinha?

13. Assinale seu grau de concordância com a seguinte afirmação: "Igrejinha é uma cidade boa para se viver".

- a) concordo plenamente
- b) concordo parcialmente
- c) nem concordo, nem discordo
- d) discordo parcialmente
- e) discordo plenamente

14. Quais as 3 primeiras palavras que vêm a sua mente quando pensa na Oktoberfest de Igrejinha?

15. Complete as frases com uma palavra ou expressão curta:

Igrejinha é...	
Igrejinha não é...	
Em Igrejinha tem...	
Em Igrejinha não tem...	

ANEXO B - Termo de Anuência

TERMO DE ANUÊNCIA (para a instituição)

A pesquisa "JUVENTUDES IGREJINHENSES ESCOLARIZADAS: ENTRE A ESCOLA E A CIDADE" tem por objetivo investigar as relações de jovens escolarizados de Igrejinha/RS com a escola e a cidade. O estudo em foco será desenvolvido por meio da aplicação de questionário. Os dados serão coletados e analisados pelo pesquisador Rafael Henke, licenciando, vinculado ao curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob orientação de Victor Hugo Nedel Oliveira, professor Adjunto e pesquisador do Departamento de Geografia da UFRGS. Os pesquisadores asseguram que não serão identificados os participantes, as pessoas e instituições eventualmente citadas no processo de coleta de dados, mantendo-se o anonimato dos dados colhidos, que serão utilizados apenas nesta pesquisa.

O/A Diretor/a do Colégio/Escola: _____

no uso de suas atribuições e poderes a ele conferidos, autoriza a realização da pesquisa em sua Unidade Escolar e declara ter recebido as informações de forma clara e detalhada a respeito dos objetivos e da forma como os estudantes participarão desta investigação, sem ser coagido a responder eventuais questões consideradas de menor importância ou constrangedoras. A instituição apresenta a ciência de que, a qualquer momento, poderá não apenas buscar esclarecer as dúvidas que tiver em relação aos procedimentos metodológicos, assim como usar da liberdade de deixar de participar do estudo, sem que isso traga qualquer dificuldade. A assinatura do representante autorizado da instituição neste Termo de Consentimento autoriza o pesquisador a utilizar e divulgar os dados obtidos, sempre preservando a confidencialidade dos dados coletados, quando solicitada pela instituição, e das pessoas citadas/referenciadas na pesquisa.

Declaramos que recebemos uma cópia do presente Termo de Anuência para a realização de pesquisa científica e acadêmica e que este foi suficientemente esclarecido pelo pesquisador.

Igrejinha, 23 de Outubro de 2023.

Rafael Henke

Nome e assinatura do pesquisador - Rafael Henke

Victor Hugo Nedel Oliveira

Nome e assinatura do orientador - Prof. Dr. Victor Nedel

Autorizo a realização deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e Assinatura Representante Institucional

_____/_____/_____

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA RESPONSÁVEL)

Prezado/a Responsável,

Eu, Rafael Henke, matrícula 00315078, licenciando, vinculado ao curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e responsável pela pesquisa **“JUVENTUDES IGREJINHENSES ESCOLARIZADAS: ENTRE A ESCOLA E A CIDADE”**, sob orientação de Victor Hugo Nedel Oliveira, professor Adjunto e pesquisador do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRGS, estou fazendo um convite para seu/a filho/a participar como voluntário/a nesse estudo.

O objetivo principal deste estudo é investigar as relações de jovens escolarizados de Igrejinha/RS com a escola e a cidade. O estudo será desenvolvido em uma fase por meio de pesquisa quantitativa, cuja coleta de dados somente ocorrerá com os/a alunos/a que tenham tido o Termo de Consentimento assinado por seus pais ou responsáveis. Os sujeitos serão convidados para responder a um questionário.

Caso algum/a aluno/a deixe de comparecer ou não aceite participar, a aplicação do questionário continuará sendo realizada com os/a demais, sem ocorrer a escolha de outro/a aluno/a, evitando atrasos na coleta dos dados.

A participação de seu/sua filho/a neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento. Os Termos de Consentimento assinados serão recolhidos pelo pesquisador que manterá a identidade de seu/sua filho/a no mais rigoroso sigilo, sendo também omitidas todas as informações que permitam identificá-lo/a na produção e publicação dos dados, para garantir que os riscos de identificação ou eventual desconforto na sua participação sejam mínimos. Você tem o direito de pedir uma indenização por qualquer dano que resulte da participação de seu/sua filho/a no estudo. Ao participar seu/sua filho/a estará contribuindo para a produção de conhecimento no campo das juventudes, do Ensino Médio e da Geografia Escolar.

Caso você e seu/sua filho/a tenham qualquer dúvida sobre este estudo, entre em contato com o pesquisador responsável através do e-mail rafael.henke@ufrgs.br

Ao assinarem este termo de consentimento, você e seu/sua filho/a não abrem mão de nenhum direito legal que teriam de outra forma. Não assinem este termo de consentimento a menos que tenham tido a oportunidade de fazer perguntas e tenham recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você

concordar em autorizar a participação de seu/sua filho/a neste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, _____, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que a participação de meu/minha filho/a é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também de que meu/minha filho/a, mesmo após minha autorização, pode optar por não participar da pesquisa.

Declaro, ainda, que fui informado dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos a que meu/minha filho/a será submetido/a, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em autorizar a participação do que meu/minha filho/a neste estudo.

Assinatura do participante _____

Assinatura do responsável _____

Contatos: () _____ () _____

E-mail: _____

Data: __/__/__

ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA ESTUDANTE MAIOR DE 18 ANOS)

Prezado/a Estudante,

Eu, Rafael Henke, matrícula 00315078, licenciando, vinculado ao curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e responsável pela pesquisa **“JUVENTUDES IGREJINHENSES ESCOLARIZADAS: ENTRE A ESCOLA E A CIDADE”**, sob orientação de Victor Hugo Nedel Oliveira, professor adjunto e pesquisador do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRGS, estou lhe fazendo um convite para participar como voluntário/a nesse estudo.

O objetivo principal deste estudo é investigar as relações de jovens escolarizados de Igrejinha/RS com a escola e a cidade. O estudo será desenvolvido em uma fase por meio de pesquisa quantitativa, cuja coleta de dados somente ocorrerá com os/a alunos/a que tenham assinado o Termo de Consentimento. Os sujeitos serão convidados para responder a um questionário.

Caso algum/a aluno/a deixe de comparecer ou não aceite participar, a aplicação do questionário continuará sendo realizada com os/a demais, sem ocorrer a escolha de outro/a aluno/a, evitando atrasos na coleta dos dados.

A sua participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento. Os Termos de Consentimento assinados serão recolhidos pelo pesquisador e pelo seu orientador que manterão a sua identidade no mais rigoroso sigilo, sendo também omitidas todas as informações que permitam identificá-lo/a na produção e publicação dos dados, para garantir que os riscos de identificação ou eventual desconforto na sua participação sejam mínimos. Você tem o direito de pedir uma indenização por qualquer dano que resulte da sua participação no estudo. Ao participar você estará contribuindo para a produção de conhecimento no campo das juventudes, do Ensino Médio e da Geografia Escolar.

Caso você tenha qualquer dúvida sobre este estudo, entre em contato com o pesquisador responsável através do e-mail rafael.henke@ufrgs.br

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teriam de outra forma. Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais

deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelos responsáveis pelo estudo.

Eu, _____, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que a minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também de que, mesmo após minha autorização, posso optar por não participar da pesquisa.

Declaro, ainda, que fui informado dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos a que serei submetido/a, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em autorizar a minha participação neste estudo.

Assinatura do participante _____

Contatos: () _____ () _____

E-mail: _____

Data: __/__/__

ANEXO E - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA ESTUDANTE MENOR DE 18 ANOS)

Prezado/a Estudante,

Eu, Rafael Henke, matrícula 00315078, licenciando, vinculado ao curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e responsável pela pesquisa **“JUVENTUDES IGREJINHENSES ESCOLARIZADAS: ENTRE A ESCOLA E A CIDADE”**, sob orientação de Victor Hugo Nedel Oliveira, professor adjunto e pesquisador do departamento de Geografia e do programa de pós-graduação em Geografia da UFRGS estou lhe fazendo um convite para participar como voluntário/a nesse estudo.

O objetivo principal deste estudo é investigar as relações de jovens escolarizados de Igrejinha/RS com a escola e a cidade. O estudo será desenvolvido em uma fase por meio de pesquisa quantitativa, cuja coleta de dados somente ocorrerá com os/a alunos/a que tenham tido o Termo de Consentimento assinado por seus pais ou responsáveis. Os sujeitos serão convidados para responder a um questionário.

Caso algum/a aluno/a deixe de comparecer ou não aceite participar, a aplicação do questionário continuará sendo realizada com os/a demais, sem ocorrer a escolha de outro/a aluno/a, evitando atrasos na coleta dos dados.

A sua participação no estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento. Os Termos de Consentimento assinados serão recolhidos pelo pesquisador que manterá a sua identidade no mais rigoroso sigilo, sendo também omitidas todas as informações que permitam identificá-lo/a na produção e publicação dos dados, para garantir que os riscos de identificação ou eventual desconforto na sua participação sejam mínimos. Você tem o direito de pedir uma indenização por qualquer dano que resulte da sua participação no estudo.

Caso você e seus responsáveis tenham qualquer dúvida sobre este estudo, entre em contato com o pesquisador responsável através do e-mail rafael.henke@ufrgs.br

Ao assinarem este termo de consentimento, você e seus pais ou responsáveis não abrem mão de nenhum direito legal que teriam de outra forma. Não assinem este termo de consentimento a menos que tenham tido a oportunidade de fazer perguntas e tenham recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em autorizar a sua participação neste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento.

Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, _____, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que a minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também de que, mesmo após minha autorização, posso, no momento de seu assentimento na aplicação do questionário, optar por não participar da pesquisa deixando de respondê-lo. Declaro, ainda, que fui informado dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos a que serei submetido/a, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em autorizar minha participação neste estudo.

Assinatura do/a participante _____

Assinatura do/a responsável _____

Contatos: () _____ () _____

E-mail: _____

Data: __/__/__